



RUMO AO PARAÍSO
ESTER FARIAS DE OLIVEIRA

Aviso sobre direitos autorais

Esta obra está licenciada sob uma **Licença Creative Commons**. Você só pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original. Você não pode fazer uso comercial desta obra. Você não pode criar obras derivadas.

PROJETO GRÁFICO DE CAPA
TESEUU
CRIAÇÃO DO E-BOOK
TESEUU

ESCRITORA
Ester Farias De Oliveira
LEIA MAIS ESTER FARIAS NO LINK ABAIXO:
www.recantodasletras.com.br/autores/esterfarias

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
DESCENDENTES EUROPEUS EM CAMPI NA GRANDE	6
DOUTRI NA FÚNEBRE E FÉ NO TRONCO	9
PRECONCEITO, UMA PEDRA NO CAMINHO	18
CIDADE POTIGUARA DO NORDESTE	20
MATRI MÔNIO NADA SAGRADO	22
UM CASAMENTO QUE SEPAROU MÃE E FILHO	28
CIDADE MARAVILHOSA	30
NA CAPITAL DA ESPERANÇA	35
A BELEZA DA MISERICÓRDIA	39
OS REFÉNS DO MESMO SEGREDO	41
CRIANÇA INVISÍVEL E AMIGO IMAGINÁRIO	46
ARREPENDIMENTO OU MUDANÇA DE PLANOS?	48
SENSAÇÃO DE PERDA E DOR	52
TERRORISMO FUNDAMENTALISTA	54
SONHOS PROFÉTICOS OU MENTE DEDUTIVA?	57
AMOR VERDADEIRO EM EVOLUÇÃO	61
RUMO AO PARAÍSO	65

INTRODUÇÃO

Caros leitores, prezados amigos, queridos familiares, quero contar para vocês a história de uma criança que cresceu e deixou a marca de sua personalidade impressa em um planeta onde tinha tudo para dar errado no projeto evolutivo da vida material.

Ela descobriu a senha da verdade. Com essa chave nas mãos mudou o seu próprio destino.

Os capítulos começam com um esboço histórico, a fim de mostrar toda a origem genética, ambiental, cultural e filosófica antes de chegar a nossa personagem central.

Paraíba e Rio Grande do Norte são os primeiros estados citados nessa história, onde se desenrolaram os ambientes e circunstâncias de vida dos bisavôs, avôs, e onde nasceram os pais de Angeli.

Depois vem o estado do Rio de Janeiro, lugar de nascimento da personagem.

Mas é na cidade de Brasília/DF, onde vão acontecer as mais incríveis aventuras de vida e crescimento de Angeli. E depois de sobreviver a tantos dissabores, decepções e injustiças encontrou o caminho rumo ao Paraíso.

Angeli encontra muitos obstáculos durante toda a sua vida.

O primeiro obstáculo: superar a rejeição de sua mãe.

Depois lidou com situações de assédio do próprio pai, durante boa parte da adolescência.

A capacidade que Angeli tinha de superar tudo e resolver seus problemas com o outro se afastando das pessoas que tivessem algum potencial para prejudicá-la, colocava a menina em um altar perigoso. Esse foi o mais real e poderoso inimigo que a transformaria em um ser arrogante e intocável, acaso ela não fizesse a grande descoberta da sua vida.



Com isso, seguiu vencendo e desvendando todos os segredos.

Angeli não esperava a sorte bater em sua porta. Ela é que batia na porta da sorte.

Por fim, antes de partir desse mundo, ficou diante de uma escolha definitiva entre o amor e o ódio.

A sua última opção definirá seu destino para o fim ou para a eternidade.



DESCENDENTES EUROPEUS EM CAMPINA GRANDE

A guerra mundial cumpriu a mais oculta de suas tarefas, espalhando uma genética preciosa de gênios para todos os cantos do planeta. O Brasil também recebeu a sua quota.

Na cidade de Campina Grande do estado da Paraíba, localizada no nordeste do Brasil, moravam muitos fugitivos de guerra, oriundos do continente europeu. Os grupos formavam comunidades homogêneas e juntos lutavam pela sobrevivência.

Essa mão de obra de refugiados europeus foi muito bem aproveitada para a campanha de urbanização desenvolvida por poderosos políticos da região nordestina entre 1930 e 1940, principalmente naquela cidade do interior da Paraíba.

Com a construção de muitas casas e a expansão do comércio, as negociações com madeiras cresciam e muitos dos imigrantes trabalhavam neste mercado específico. Alguns se destacavam e abriam seus próprios negócios.

Aroldo foi um desses aventureiros bem sucedidos.

Ele casou com a mais linda jovem da região. O seu nome era Brites, filha de imigrantes franceses.

O jovem era um empresário promissor com uma capacidade técnica administrativa que espantava os companheiros e vizinhos.

Ele se destacava nos negócios e era muito admirado pela jovem esposa que não media esforços para corresponder às expectativas daquele homem ativo e dinâmico.

Ela, de fato, foi uma companheira muito presente, solícita e amorosa. Atendia os requisitos de lealdade matrimonial, suprimindo as necessidades de companhia, cumplicidade e amor que um homem pudesse sonhar e desejar para sua vida.

Felizes com o casamento e o sucesso nos negócios, sempre que havia algum motivo para comemorar, eles convidavam os amigos, comadres e compadres para dividir grandes banquetes regados com bons vinhos, azeite, aves e carnes suínas.

O jovem casal desenvolvia tarefas distintas. Aroldo cuidava dos negócios contábeis e administrativos da madeireira, enquanto Brites educava suas crianças e administrava a propriedade que tinha cabras, bodes, mandioca, porcos, perus e galinhas.



Em meio a mais um banquete, patrocinado pelo casal para comemorar os lucros da empresa, eis que o jovem aos 36 anos de idade passou muito mal. Sentia fortes dores na região do abdômen, desmaiando seguidas vezes.

Quando retornava dos desmaios, Aroldo gritava de dor.

A jovem esposa acompanhada das pequenas crianças e carregando outra na barriga, corria desorientada pela casa, gritando:

- Pelo amor de Deus! Alguém nos ajude!

Logo, um compadre providenciou um transporte para o hospital de João Pessoa, capital da Paraíba que ficava a mais de 100 km de distância de Campina Grande.

- É apendicite!

Gritava um amigo, enquanto Aroldo não parava de gemer de dor.

- Tens razão amigo. As dores fortes são típicas de apêndice inflamado.

Confirmava o compadre que seguia viagem com eles.

Chegando ao hospital, os amigos pressionavam o médico, dizendo que não tinham a menor dúvida que era apendicite.

Dispensado a fazer outros exames, o paciente foi levado apressadamente para a mesa de operação.

Na sala de cirurgia, depois de anestesiado, o médico iniciou o procedimento de corte, após fazer alguns cálculos geométricos grosseiros, indicando com a ponta do bisturi onde encontraria o apêndice.

O tempo passava e o cirurgião ia ficando agoniado porque, depois que já tinha terminado de fazer o corte, não conseguia ver nenhum apêndice, e nenhum sinal de supuração. Havia sim muita gordura na região da barriga que ele elegera para começar a cortar.



Depois de abrir quase todo o abdômen de Aroldo, de cima abaixo, os seguidos banhos de suor no rosto do médico revelavam o seu desespero.

E, nada de apêndice. Quando, finalmente desistiu e começou a fechar a barriga de Aroldo, não havia mais o sopro de vida no corpo do jovem empresário.

Um longo período procurando a causa de tanta dor no corpo de um jovem produtivo e pai de sete crianças pequenas provoca a falência múltipla dos órgãos. Foi um imperdoável e incorrigível erro médico.

Os enfermeiros e médicos daquela época eram muito inexperientes e os recursos escassos, principalmente no nordeste do País. Os diagnósticos eram determinados em exames clínicos superficiais, porque não tinham equipamentos para fazer um exame mais preciso.

Aroldo faleceu e ninguém descobriu a real causa daquelas dores tão cruéis que provocavam gemidos seguidos de desmaios.

Talvez, se existisse um aparelho para fazer endoscopia, teriam localizado pedras na vesícula, porque, mais tarde, muitos de seus descendentes tiveram os mesmos sintomas que foram resolvidos, após exames e retiradas da vesícula em cirurgias cada vez mais simples e mais rápida.



DOUTRINA FÚNEBRE E FÉ NO TRONCO

O filho mais velho do casal, com incompletos onze anos de idade, estava ali no hospital junto com a sua mãe. Ele ouviu quando um enfermeiro, correndo pelos corredores, falava em voz alta:

- Meu Deus! Coitado daquele homem. Não teve jeito. Nada o trouxe de volta. Demoraram muito para fechar a barriga. Acabou!

O menino não queria acreditar nos seus ouvidos. Aquilo não podia ser verdade. Aquele homem não podia estar falando do seu tão admirado e amado herói.

Brites chorava muito, tentando imaginar como seria sua vida sem aquele companheiro que era o cérebro da família e o parâmetro dos filhos.

Ermanildo ficou tentando digerir os fatos e custava a acreditar que aquilo estava acontecendo:

- Mãe, onde está o papai? Ele ainda está lá dentro? Vai demorar muito ainda?

Brites estava com o olhar vazio e cheio de lágrimas em estado de choque, mergulhada em questões desorganizadas que bombardeavam seus pensamentos.

Até que estacionou o veículo pensante e o manteve fixo em uma só questão que latejava com mais intensidade naquele instante. Eram as fortes lembranças dos discursos fúnebres que ouvia na igreja:

- Nós morremos e, como seres materiais que somos, deixamos de existir, tornamo-nos pó. Mas, a personalidade que escolher a evolução será eterna e seu espírito sobreviverá.



Lembrou-se de uma dúvida recorrente dos fiéis quando se viam diante dessas assertivas:

Pastor, e aquele que não deseja participar dessa evolução? Aquele que investe tudo nessa vida material e traça a morte como o fim de tudo?

A resposta era imediata:

- O livre arbítrio é um fato inerente a todos os seres possuidores de personalidade do universo e ninguém será obrigado a seguir rumo ao paraíso quando tudo o que deseja é simplesmente sumir. Então ele simplesmente vai desaparecer, deixar de existir.

Brites estava mergulhada em pensamentos, tentando adquirir a mesma confiança vinda de palavras eloquentes. Ela precisava de um bote salva-vidas e a doutrina da evolução da personalidade após a morte era perfeita para a ocasião.

Enquanto sentia tão insuportável dor, lembrava que no meio de uma confusão de debates calorosos entre os membros da igreja, o pastor subiu ao púlpito, lançando uma indagação:

- Vocês nunca sentiram ao menos uma faísca em seus pensamentos, dando algum indício de que existe uma personalidade indestrutível nesse corpo passageiro?

Isso veio à tona em seus pensamentos porque depois dessa intervenção do Pastor, o silêncio que invadiu o templo era o mesmo entre todos que estavam naquele hospital, depois que ouviram os gritos desesperados daquele enfermeiro que saía correndo da sala de cirurgia.

Enquanto Brites mergulhava sua mente naquelas estranhas águas, Ermanildo afogava-se em lágrimas:



- Mãe! Não consigo entender a morte de papai. Porque Deus fez isso com ele e conosco. O que vai ser de nós? E os meus irmãos? Eles são tão pequenos ainda. E o bebê que ainda nem nasceu?

Brites já havia pensado muito a respeito daquelas questões do triste menino, mas estava muito atordoada, martelando em sua cabeça os discursos que ouvia na igreja. Era como se estivesse agarrando um tronco de árvore que surgia em meio à correnteza.

A voz do pastor latejava em seus pensamentos:

- Queridos irmãos! Não se perturbem tanto, porque somente o corpo se vai. Ninguém pode ignorar que há algo que se manifesta de forma cada vez mais evoluída em nossa mente.

Ermanildo sacudia a sua mãe, temendo que ela estivesse prestes a sofrer algum desmaio:

- Mãe! A Senhora está bem? Fala alguma coisa!

Ela olhava para seu filho, tentando se convencer do que ia falar para ele:

- Precisamos nos acalmar agora, filho. acredite que seu pai está agora rumo ao paraíso, porque foi um homem maravilhoso, um excelente pai e tinha uma alma muito boa. Ele encerrou sua história aqui, mas tem toda uma eternidade para viver em espírito.

Agora ele ficava mais preocupado com a saúde mental de sua mãe:



- Mãe! De onde a senhora tirou essas ideias?

- Querido, você não se lembra das palavras do pastor?

Ermanildo era muito novo para entender a respeito das convicções religiosas de sua mãe, mas se agarrou àquele mesmo tronco tentando sair daquele mar de dor e lágrimas.

A partir desse momento, ele permitiu que se instalasse em sua consciência a doutrina de que as pessoas morriam para mudar de mundo. Assim, aprendeu a se conformar com a morte.

De repente, Ermanildo distraía seus pensamentos e dava lugar a uma nova curiosidade:

Queria muito saber sobre tudo o que acontece depois que morremos mamãe.

Brites começava a sair do transe e investia no conforto de acreditar em suas próprias palavras:

- O pastor sempre fala com muita convicção e parece que tem conhecimento profundo sobre a vida após a morte. Vamos tentar descobrir alguma coisa na escola dominical.

Fala mais alguma coisa sobre isso mãe:

- Lembra-se, filho, dos discursos na igreja, dizendo que o tempo é a consciência que nós temos da sequência dos movimentos; enquanto o espaço é tudo que nós preenchemos quando nos conscientizamos dele. Seja em corpo presente ou em pensamento; e até mesmo nos sonhos. E que esta vida é passageira, mas nossa consciência sobrevive a tudo.



Brites queria que seu primogênito dominasse aquela dor terrível e tentava explicar uma doutrina que ela ainda não tinha tanta convicção quanto aquele pregador que, para alguns padres do pequeno povoado, não passava de mais um louco no mundo.

O silêncio no hospital trouxe lembranças fortes daqueles momentos silenciosos que se estabeleciam nos cultos.

O pastor encarava a plateia com um olhar profundo e dizia:

- Cada um de vocês deixam marcas que vos destacam um dos outros. As circunstâncias de cada indivíduo que desenvolve uma personalidade não se repetem. Basta observar que as impressões digitais nunca são idênticas, nem mesmo para os gêmeos.

Agora diante de um sofrimento tão inesperado, Brites apegava-se a doutrina que trazia algum conforto para sua alma.

Quando viu que o pequeno menino estava muito inconformado com uma perda que marcaria a sua vida toda, tentava contaminá-lo com a mesma ideia.

E para distrair um pouco os pensamentos do menino, repetia um discurso do pastor, alisando os seus lisos cabelos, como se cantasse uma música de ninar:

- A natureza revela a dinâmica da inteligência cósmica quando um observador atento percebe que as águas que passam no mesmo leito nunca são as mesmas. Na teoria da evolução passamos por vidas em dimensões evolutivas e essa vida humana que conhecemos é a fase mais primária de todas as fases evolutivas.



A dor de perder um pai já era o suficiente para enlouquecer e desorganizar aquela mente infantil. Mas Brites queria fazer alguma coisa e apegada naquele barco salva vidas, tentou embarcar o filho nos mesmos devaneios.

Ermanildo, naquele momento não conseguia acompanhar o raciocínio de sua mãe, até que cedeu ao cansaço mental e cochilou em seu colo, aceitando a teoria de que seu pai estava apenas viajando por outros caminhos invisíveis.

Mas, nada resolveria a enorme saudade. E essa nunca o abandonaria por todos os dias de sua vida.

Depois da cerimônia fúnebre, Brites voltava para sua propriedade, tentando recuperar a força. Não queria que os filhos sofressem tanto e tratou de preencher os vazios, dando o máximo de atenção e alegria a todos.

Para animar Ermanildo, olhou bem fundo dos seus lacrimejantes olhos e disse:

- Agora você é o homem da casa, Ermanildo. Precisa reagir para cuidar de todos. O seu pai se foi, mas nós estamos aqui e temos que seguir na vida.

UMA GUERREIRA NUNCA FICA SOZINHA

Brites era uma bela jovem, esbelta com traços harmônicos na face e um corpo equilibrado. Os cabelos castanhos e lisos sempre enrolados com grampos para a lida. Sua pele era clara e os olhos azuis.

Ela ficou muito triste e confusa com a morte do seu amado marido. Um jovem muito competente nos negócios, dono de uma próspera madeireira. Sempre que podia, comprava uma pequena casa, pensando no futuro da família.

Aroldo era descendente de holandês. Daqueles que decidiram morar e trabalhar no Brasil nos tempos de colonizações e invasões. Tinha a pele avermelhada e vívidos olhos azulados. Aos trinta anos já estava barrigudo e com a metade da cabeça careca, com poucos dos lisos fios de cabelo que enfraqueciam até chegarà nuca.



O patrimônio deixado pelo pai de Ermanildo foi perdido em negociações desastrosas.

Afinal, a jovem viúva não tinha experiência em negócios, pois se ocupava em proteger seus pequenos filhos. Muitos homens aproveitadores e oportunistas cercaram-na para fazer mais ameaças do que propostas.

Ermanildo percebia que sua jovem e linda mãe atraía a atenção dos homens da região e pedia:

- Mãe! A senhora tem que me prometer que não vai casar novamente.

- Ah meu filho! Como pode pensar sobre isso agora. Eu amei muito seu pai e quero que me enterrem no mesmo túmulo dele.

Essas palavras davam conforto àquele menino que tinha muitos ciúmes de sua linda mãe.

Brites repetia aquela mesma assertiva e em voz alta sempre que percebia a preocupação no olhar do menino. E, outras vezes porque queria convencer a si mesma.

Até que, depois de alguns anos, quando Ermanildo já estava namorando, ela não conseguia mais dominar as necessidades de uma jovem tão cheia de energia e desejos cada dia mais latentes em seu corpo viril.

Depois de anos dedicada no crescimento saudável dos filhos, Brites conheceu um viúvo que também passava pelos mesmos conflitos físicos e psicológicos e viu naquela mulher uma perfeita companhia.

Ermanildo ficava possuído de ciúmes e medo quando percebia a aproximação daqueles dois viúvos que pareciam antigos conhecidos.



Sua mãe, mesmo contrariando todos os apelos do seu querido filho, reuniu a família para anunciar sua decisão:

- Filhos, vocês já estão mais crescidos e já entendem as minhas necessidades. Preciso de um companheiro e encontrei alguém que vai me ajudar muito e que também precisa da minha ajuda.

Brites casou novamente e teve mais um casal de filhos com aquele que já era bem conhecido da família.

Ermanildo demorou muitos anos até que entendeu que uma mulher não podia sobreviver sozinha por tanto tempo sem um companheiro. Logo recebeu carinhosamente os novos irmãos que vieram desse segundo casamento.

O novo marido frequentava a mesma igreja de Brites e também era descendente de europeu. Não havia diferença na semelhança entre os filhos e enteados do casal.

O segundo marido de Brites gostava de beber e fumar cachimbo. Ela adquiriu o hábito de fumar o mesmo cachimbo também.

Passados alguns anos ficou viúva pela segunda vez.

Ela foi muito dura na criação dos filhos, não admitia erros e exigia muito do filho mais velho. As notas do boletim de Ermanildo tinham que ser exemplares, portanto, nunca aceitava uma nota abaixo de dez. Ela não admitia nota boa, apenas e tão-somente ótima, sob pena de ficar horas de joelhos no milho, depois de receber boas pancadas de palmatória:

- Você vai ficar aí de joelhos, olhando para a parede até eu mandar sair.

Ermanildo obedecia a sua mãe sempre:

- Sim senhora.

Brites viveu toda a sua vida na região mais escassa de produtos alimentares básicos daquele país. O povoado era de maioria miserável onde muita criança morria de fome ou de doença epidêmica.



Ela plantava para subsistência da família e criava cabras em casa para alimentar as crianças; ministrava aulas particulares gratuitas, ajudando seus filhos e as crianças da mesma comunidade.

A solidariedade era um costume entre os vizinhos e Brites gostava de ajudar na educação de todas as crianças que a rodeavam.

Muitas mulheres da redondeza buscavam ajuda com conselhos nos cuidados com a saúde e pediam as receitas de seus remédios caseiros.

Brites também era muito requisitada para oferecer os seus serviços de reforço para alunos com notas baixas, pois logo a sua habilidade em lidar com crianças em idade escolar ganhava fama pela vizinhança.

Os filhos e netos que conviveram diretamente com Brites tiveram excelente formação e tornaram-se profissionais muito requisitados em João Pessoa.

Brites foi perdendo a visão do olho esquerdo, a partir dos cinquenta anos e perto dos seus setenta ficou totalmente cega dos dois olhos.

A trombose apareceu no dedão do pé esquerdo até que tomou boa parte da perna, a ponto de ter que cortar a mesma em duas cirurgias de amputação.

Os seus anos foram contados até setenta e nunca ficou sozinha. Então até seus últimos dias de vida estava sempre rodeada de netos e netas. Todos a amavam profundamente.

Não obstante as limitações físicas, ela ficava sempre à disposição das crianças e as mantinham grudadas em livros.

Elas gostavam da companhia de uma vovó sorridente que pedia para que eles lessem a bíblia e contassem suas histórias antes de a colocarem na cama para dormir.

Ela foi uma professora muito habilidosa. Uma pedagoga talentosa, responsável pela excelente formação dos filhos e netos que viveram perto dela até o fim de seus dias.



PRECONCEITO, UMA PEDRA NO CAMINHO.

Brites não conseguia imaginar seus filhos e filhas casados com pessoas que não tivessem a pele branca. Esse racismo foi fruto de uma cultura antiga, foi uma pedra em seu caminho. Porque afastou o seu filho Ermanildo de sua convivência.

O preconceito estava tão sedimentado em sua mente que criava situações patéticas com os próprios parentes.

Para deixá-la ainda mais nervosa, os homens brancos de olhos azuis que moravam no seu mesmo bairro em Campina Grande, cada vez mais sentiam uma atração irresistível pelas lindas mulatas que aos poucos surgiam pelas redondezas.

Por alguma ironia do destino; ou uma reação de rebeldia; ou mesmo por simples atração física a um tipo diferente daquela homogeneidade cansativa de pessoas brancas de olhos claros, os seus filhos fizeram exatamente o que ela mais temia. Eles casaram-se com mulatas e negras.

Seu filho mais velho casou com Antonieira que trazia muito da aparência do pai mulato.

Brites, logo que percebeu a intimidade crescente entre seu filho e aquela jovem adolescente, dizia:

- Ermanildo! Não se envolva tanto com essa mulatinha.

E o filho já preparava a mãe:

- Mas mãe! Para com isso. Eu amo muito aquela menina. Ela é linda.

Então ela registra seu inconformismo:

- Você é quem sabe! Aviso logo que não vou aceitar e nem abençoar essa união vergonhosa.

Os outros filhos homens também não deram ouvidos àquela loucura de Brites.



Naqueles tempos, a pureza de raça já estava perdendo terreno para as novas divulgações publicadas por cientistas e observadores empíricos.

Espalhavam entre bocas também que os frutos da mistura de tipos diferentes, produziam crianças mais saudáveis.

Uma constatação incontestável também era que as pessoas muito brancas que viviam naquelas regiões quentes, sofriam mais com doenças de pele e quando tinham filhos morenos, os problemas com doenças de pele na comunidade decresciam.

Ademais, o povoado que se mantinha fechado a ponto de promoverem casamento entre os primos, tinham uma incidência cada vez maior de doenças congênitas nas famílias.



CIDADE POTIGUARA DO NORDESTE

Naqueles mesmos tempos de campanha de urbanização em Campina Grande, vivia no interior do Rio Grande do Norte outra família. Mas a realidade era bem diferente de seus vizinhos paraibanos.

Cresciam cada vez mais os famosos latifúndios nordestinos, cujos donos eram condecorados com o título de Coronel. A monocultura era a melhor opção, principalmente a de algodão, onde grandes famílias cuidavam dessas propriedades rurais e mantinham suas residências por toda a vida, criando animais e desenvolvendo uma agricultura de subsistência em suas respectivas glebas rural.

Era comum que as filhas das tribos potiguares fossem conquistadas por trabalhadores portugueses. E foi exatamente isso que aconteceu com os avós de Antonieta.

Potira, filha do casal indígena, gostava da companhia de Miguel, filho dos portugueses.

Os dois eram fortes e muito saudáveis. Casaram-se quando ainda eram adolescentes. Criaram os seus vinte e dois filhos em uma gleba que fazia parte de uma grande propriedade. Eles eram trabalhadores rurais.

Ziraldo, motorista de caminhão, era um mulato muito apresentável e elegante. Atraía as jovens por onde passava. Trabalhava no transporte dos produtos extraídos naquelas terras.

Enquanto esperava os peões abastecerem o veículo, avistou uma linda adolescente de longos cabelos dourados e olhos de expressão meiga, coloridos em verdes brilhantes. Aproximou-se da adolescente e, olhando em seus olhos, lançou um galanteio hipnotizante:

Case-se comigo menina linda! Darei tudo o que desejar.

Era Rosilda, filha caçula de Potira, que acabava de completar quatorze anos de idade.

A abordagem daquele homem moreno tão diferente dos tipos físicos daquela região chamou sua atenção. Ela seguiu para casa, desenhando em sua inocente consciência a imagem de um cavaleiro muito gentil e amável que a pedia em casamento para proporcionar a ela uma vida de rainha na cidade grande.



Esse era um grande sonho daquela menina ainda tão inocente.

Na semana seguinte, a menina procurou Ziraldo e o encontrou no mesmo lugar. Imediatamente fez o convite para conhecer os pais e fez questão de preparar e servir uma succulenta macarronada para o jantar.

Ziraldo, enquanto degustava a comida feita por tão linda adolescente que incendiava os seus olhos, encontrou um fio de cabelo imenso no prato.

E, sem que os pais da menina percebessem, engoliu o fio ao molho e misturado com o macarrão, atraindo o olhar de espanto da menina:

- Olha o que faço por amor, princesa!

Rosilda estava mesmo totalmente entregue ao encanto. Nunca viu um homem tão resoluto e altivo.

Ele conversava com seus pais sem constrangimentos e as palavras fluíam sem tropeços.

Passados poucos dias, depois daquele jantar, Ziraldo apareceu de repente e bateu na porta de Rosilda. Potira e seu marido estavam em casa, abriram a porta e ouviram palavras cheias de promessas irresistíveis, antes mesmo de convidá-lo a entrar:

- Sou um homem trabalhador e vou fazer dessa princesa uma rainha do lar. Eu prometo!

Potira ficou triste quando viu que teria mesmo que entregar a sua sonhadora caçula, no início de sua adolescência e ainda tão ingênua, para um homem forasteiro e bem mais vivido.

Mas, em sua experiência com as outras filhas, sabia que já havia perdido quando pegou Rosilda pelos cantos da casa suspirando e com o costumeiro olhar de menina hipnotizada.

Ela sabia que qualquer tentativa de obstrução serviria apenas para tornar o fato ainda mais dramático.



MATRIMÔNIO NADA SAGRADO

Rosilda e Zivaldo casaram e foram morar no centro da cidade, em um casebre. Então, Rosilda viveu uma realidade bem diferente de toda aquela fantasia que criara em seu íntimo, confiando nas promessas de quem a seduziu.

Na primeira relação com o marido já se deparou com as grosserias de um homem mais maduro, acostumado a sair com mulheres da vida na cidade grande.

- Você é muito bonita moça. Mas é ruim de cama... hein!

No jantar, sempre que via um fio de cabelo no prato, jogava-o contra a parede e surrava a jovem:

Como pode ser tão relaxada, menina?! Sua mãe nunca lhe disse para prender os cabelos enquanto faz a comida?!

Desde então, Rosilda sofreu violências domésticas com o seu belo marido mulato. Ele queria que ela se comportasse como uma prostituta e não como uma pobre criança ingênua.

Rosilda teve duas meninas e um menino e logo que percebeu sua triste realidade, tratou de aprender, com as mulheres da vida, fórmulas caseiras para não engravidar mais.

Com o tempo, Zivaldo não queria mais continuar na vida de caminhoneiro e obrigava sua jovem esposa a ceder aos desejos dos velhos empresários, donos de indústrias e comércio da cidade de Natal, para sustentar a casa.

Ele, cada vez mais revelava seu individualismo egoísta. Explorava a beleza de Rosilda para extorquir os homens poderosos da cidade. Comportava-se como um gigolô e passava noites inteiras em bares, saindo com prostitutas e afogando-se nas cachaças.

Além disso, ele obrigava a mulher e os filhos a um tipo muito injusto de colaboração doméstica, quando as crianças eram ainda bem pequenas.

Rosilda, que havia sido criada em uma família fiel à doutrina do sagrado matrimônio, demorou a perceber que não havia nada de sagrado para defender. Até que não teve mais forças para manter aquela situação desastrosa.



Depois que se separaram e nas tentativas de reaproximação, Ziraldo não conseguia parar com as violências típicas de um fanfarrão bêbado.

A família, então, não teve mais nenhuma dúvida a respeito da eterna infelicidade que seria ao insistir naquele casamento.

Rosilda pegou os seus filhos e viajou para Campina Grande. Queria manter uma boa distância de Ziraldo e também mudar de vida, em busca de um trabalho decente.

Mas, teria que driblar um movimento na sua vida que era uma constante: A sua beleza provocava muitos ciúmes e ações injustas das donas de casa e esposas dos empresários.

Ela lutou muito para encerrar a carreira de prostituição que o próprio marido incentivara, mas não podia sacrificar os filhos em nome de um princípio religioso. Por isso, enterrou todos os ensinamentos de seus pais, vendendo o próprio corpo.

Até que se tornou discípula de mulheres ciganas. Aprendeu a ler as mãos e jogar cartas do destino. Somente assim parou de viver da prostituição e seguiu sustentando a família em uma atividade menos arriscada.

Essa terrível atividade de mulher da vida afetou sua saúde física e moral, em decorrência das doenças sexuais e dos vícios no cigarro e na bebida.

Ela sobreviveu das famosas doenças sexuais da época, fazendo tratamentos rústicos com remédios caseiros que as amigas mais antigas ensinavam a ela. Muitas mulheres morreram abatidas pela ignorância e descuidos higiênicos naqueles mesmos tempos.

Rosilda também adquiriu vícios por conta dos estímulos que eram comuns nos ambientes noturnos do centro da cidade.

Quando ingeriu as primeiras doses, ouviu de um cliente:

- Nossa! Você é muito forte na bebida mulher!

Assim os homens conseguiam o que realmente queriam, massageando o ego de Rosilda que sempre respondia orgulhosa:

- Então! Eu só forte como um touro mesmo. Ninguém consegue me abater fácil.



Rosilda adquiriu também o hábito de fumar cigarros, porque todos os seus conhecidos da vida noturna fumavam.

Ziraldo logo arranhou outra mulher para morar com ele. Essa era mais madura do que Rosilda e sabia lidar com aquele homem, colocando ele para trabalhar e manter a casa.

Mas ele demorou a entender que não era o dono de seus filhos e sempre que descobria onde ficava a nova residência de Rosilda, aproveitava a constante ausência de uma mulher que batalhava para sustentar a casa, para persuadi-los a voltar com ele.

Os mais velhos já estavam traumatizados com a mania que ele tinha de pensar que escravizando as crianças era a melhor maneira de prepará-las para a vida. Com esse maligno pretexto, o pai colocava os pequenos para trabalhar pesado o dia inteiro, usando sempre a mesma frase feita:

- Mente desocupada é a oficina do diabo.

Antoniela, filha caçula, era muito pequenina quando os pais se separaram e não compreendia porque sua irmã corria e gritava desesperada ao avistar o pai de longe. Ela pedia muito que Antoniela não fosse com ele.

Até que ele conseguiu pegar Antoniela sozinha em casa. Ela não conhecia muito bem o pai, não tanto quanto os seus irmãos. E iludida nas promessas de ter uma vida de princesa com ele, prometendo tudo o que ela quisesse, arrumou suas coisas e correu para os braços dele.

A pequena inocente estava cheia de sonhos quando decidiu que devia seguir a vida com o estranho pai.

Muito otimista, e na ânsia de viver com um pai atencioso, ela esqueceu todas as recomendações de sua irmã mais velha que repetia sempre que ele surgia em casa:

- Antoniela, nosso pai é muito malvado. Nunca dê ouvidos a ele. Nem pense em ir morar com ele e a nova mulher. Porque ela é ainda mais brava que nossa mãe.

Chegou à noite na nova casa e, no dia seguinte, a madrasta dava ordens para que ela fizesse os serviços domésticos da casa.



Mas foi obediente, porque queria muito viver perto do pai, cumprindo todas as tarefas sem reclamar.

Depois de meses morando com o ele e a madrasta já começava a desanimar diante de tanto trabalhar sem direito a pelo menos uma alimentação adequada.

Comendo restos, enquanto os dois saboreavam o que tinha de melhor no prato, Antonie-la começava a boicotar alguns serviços.

Em um final de tarde, Zivaldo estabeleceu um estranho diálogo com a pequena e assustada filha, enquanto amolava um facão enorme:

Você tá vendo aquela trouxa enorme de roupa suja? Trate de cuidar disso agora, senão...

Ele se aproximou da criança, agarrando-a pelos cabelos com o reluzente facão em punho, até que a deixou estatelada ao chão. Olhava a pobre criança que não ousava levantar a cabeça, dando boas risadas.

Antonie-la, enlouquecida pelo medo, no mesmo dia, aproveitou a distração do pai e sua mulher, que cochilavam no quarto durante a cesta do almoço.

Arrumou uma trouxa com seus pertences e saiu correndo estrada de terra afora. Conseguiu uma carona com um desconhecido que, por sorte, queria mesmo ajudar a pobre criança ao vê-la chorando lágrimas tão doídas.

Muito cansada e depois de muitas buscas, conseguiu encontrar sua mãe, trabalhando em uma casa de americanos, fazendo panquecas:

- O que aconteceu Antonie-la? Onde você estava esse tempo todo.
- Mãe! Desculpe por ter ido com o papai. Bem que minha irmã avisou e eu não dei ouvido.

Rosilda ficou arrasada de ver uma criança inocente passar por circunstâncias tão assustadoras e prometeu que nunca mais iria permitir que ele fizesse isso de novo.



Ela agora trabalhava numa casa de americanos e lutava para salvar o filho mais velho, irmão de Antonietta, que vivia doente. O menino desenvolvia uma doença que o deixaria cego de um dos olhos. Tudo começou quando pariu o menino, ignorando uma sífilis instalada no seu corpo. Somente depois que percebeu a doença no filho é que se deu conta do problema.

Os remédios caseiros que aprendeu a fazer não impediram a cegueira do pequeno menino.

Antonietta casou nova e foi morar no Rio de Janeiro com seu marido e seus filhos. Rosilda, logo que conseguiu recursos embarcou também para a mesma cidade.

Os dois filhos de Rosilda mesmo casados e com seus filhos decidiram mudar para viverem próximos à mãe, porque eles ainda eram muito dependentes dela.

No Rio, Rosilda conheceu Valfrido, um carioca, motorista de ônibus, que a ajudou, trazendo-a para morar com ele que também estava separado de sua primeira mulher.

A filha mais velha separou também do marido por causa da agressividade típica de um beberrão e foi viver com sua mãe na casa do generoso segundo marido de Rosilda.

Valfrido era um homem muito sereno e equilibrado. Quando viu aquela mulher forte e tão carismática. Ficou tão encantado que não conseguia ficar um só dia sem a sua companhia.

Os netos de Rosilda ficavam admirados com aquela conexão do bem. Os dois estavam juntos em todas as circunstâncias familiares. Valfrido tinha um jeito puro e gostava muito de crianças.

Quando Rosilda o conheceu não acreditou que uma mulher pudesse tê-lo abandonado para viver com outro.

Por vinte anos, o casal se divertia visitando os filhos e netos. Quando eles iam à casa de Antonietta, as crianças não queriam sair de perto dos dois e Valfrido era muito criativo com as brincadeiras.

Infelizmente, Valfrido aposentou sintomas de Mal de Parkinson antes dos seus cinquenta anos de idade, aos sessenta anos surgiu uma trombose que com uma velocidade assustadora tomou conta da perna direita.

No hospital, o médico aproximou-se dele e perguntou:



Valfrido, você tem que autorizar a amputação da perna. Do contrário não tenho como garantir a sua sobrevivência.

- Então, doutor, eu prefiro morrer a amputar uma perna minha.

Rosilda ficou desolada com a morte desse homem que a tratou com muita consideração e respeito. E, ainda, providenciou para que ela não ficasse desamparada.

Então, ela sobreviveu da pensão desse incrível companheiro até o fim de seus dias.



UM CASAMENTO QUE SEPAROU MÃE E FILHO

Ermanildo perdeu o seu pai com menos de onze anos e assumiu uma responsabilidade paternal com os seus demais irmãos que eram todos mais jovens, até que conheceu a jovem Antonietta.

Rosilda e seus filhos saíram de Natal e foram morar em uma pequena casa perto do bairro onde Brites e sua família morava.

O jovem Ermanildo completava dezesseis anos de idade quando se apaixonou perdidamente por Antonietta que em alguns meses, completaria quinze anos. Com pouco tempo de namoro, casaram-se às pressas, vez que a noiva estava esperando o primeiro filho do casal.

O primogênito de Brites, Ermanildo, comparado com os seus irmãos, era o mais baixo em estatura, mas tinha uma composição óssea que dava a ilusão de boa altura.

Os cabelos eram muito lisos e gostava de mantê-los bem ajeitados com muito gel, até que foi selecionado pelo exército para o serviço obrigatório.

Os recrutas tinha que rapar boa parte da cabeça, deixando uma pequena porção de cabelos na parte superior.

Alguns médicos diziam que o trauma de perder o pai aos onze anos fez com que Ermanildo parasse de crescer.

Os seus irmãos e irmãs possuíam a mesma semelhança física. Todos brancos, de cabelos lisos e olhos azuis. A diferença estava na altura. Eles eram mais altos e mais robustos.

Antonietta era mais baixa do que Ermanildo e tinha feições meigas e infantis. Uma cintura tão fina que dava a ilusão de largos quadris. Principalmente dentro de cintas apertadas e roupas com acabamentos em saias e anáguas. Ela tinha cabelos negros e cacheados; olhos castanhos mel em cílios longos e espessos.

Agora era a vez de a mãe de Ermanildo não aceitar e ficar inconsolada com aquele casamento. Ela decididamente implicava e boicotava aquela jovem, chamando-a de negrinha, por causa de sua tez levemente morena.

Ermanildo, dois centímetros mais alto do que Antonietta, possuía uma pele bem alva e os olhos azuis. Os cabelos eram castanhos escuros. Sua face desenhada em traços bem definidos, completados em lábios grossos que cobriam uma arcada dentária perfeita.



Engajado no exército, após cumprir o serviço obrigatório, deixou a jovem esposa com dois bebês em Campina Grande para fazer um curso de carreira para cabos no Rio de Janeiro.

Voltou para buscar sua família e residir na cidade maravilhosa. A partir de então, afastava-se para cidades cada vez mais distantes de sua mãe que sempre estava em conflito com Antonieia.

Ermanildo todo mês, quando retirava o soldo da conta bancária, mandava pelo correio, uma parcela para sua querida mãe. Fazia menção disso, dizendo para qualquer um que estivesse perto e principalmente para os filhos:

- Olha, quando não mando algum dinheiro para minha mãe, tudo começa a desandar no meu orçamento. Nada dá certo. Mas quando cumpro minha obrigação, o dinheiro rende.



CIDADE MARAVILHOSA

No Rio de Janeiro, Antonieila e seu marido Ermanildo, além dos dois que tiveram no nordeste, geraram mais cinco filhos.

A cidade do Rio era mesmo maravilhosa. Localizada no litoral do sudeste do Brasil, envolvida entre montanhas carregadas de frondosa vegetação em verdes degradê; envolvida por lindas praias que recebiam todo tipo de pessoas nacionais e estrangeiras.

Quando chegava do quartel, ele trabalhava em bicos, virando noites dentro de casa. Fazia consertos, substituindo as válvulas dos aparelhos de televisão que seus colegas e superiores entregavam, dando uns bons trocados que ajudavam na despesa da casa.

Ermivaldo aprendia cada vez mais sobre os eletrônicos que surgiam sempre com alguma novidade. Ele tinha que reciclar os conhecimentos porque sempre aparecia algum aparelho inédito no mercado e os oficiais do exército traziam coisas inéditas de suas viagens.

Dessa forma, destacava entre os demais técnicos, demonstrando um conhecimento incrível e atual. Bastava o cliente falar sobre os defeitos visíveis do aparelho que ele já tinha o diagnóstico conclusivo.

Era divertido ver aquele homem sorrindo satisfeito sempre que descobria algum defeito oculto que outros não conseguiriam achar, detectando com precisão um mau contato nos fios ou alguma peça queimada.

Aprendeu a consertar esses aparelhos, fazendo um curso com assinaturas de periódicos que emitiam certificados profissionalizantes.

Por outro lado, sua amada esposa Antonieila ficava às voltas com os problemas domésticos que para ela não eram simples.

Ela tinha que limpar a casa; cuidar da alimentação de todos; dar carinho e muita atenção àquela prole crescente de crianças com diferenças mínimas de idade. Ela era muito cuidadosa na limpeza e gostava de ver tudo muito branquinho e brilhoso depois da faxina.



O Rio de Janeiro, era uma cidade úmida e ali havia muitas epidemias de sarampo, catapora e caxumba.

Enquanto Ermanildo ocupava todo o seu tempo em atividades extras para sustentar tantas crianças, Antonia preocupava-se com a sobrevivência dos pequenos, cujas epidemias provocavam quedas em efeito dominó.

Diariamente ouviam-se naquela pequena casa, choros e lamentos de crianças febris que eram tratadas com remédios caseiros por uma só pessoa. Antonia acabava de acalmar uma e corria para atender outros seis pequeninos que não paravam de reclamar de dor e dengo.

Isso lhe acarretou sintomas de estafa, depressão, estresse e, o pior, reações histéricas cada dia mais constantes e crescentes, cujos berros chamavam a atenção dos vizinhos e assustava as crianças.

Ermanildo, depois de insistentes observações dos vizinhos, viu nas crises de sua mulher uma espécie de loucura e a levou para um especialista.

Depois que o médico conversou a sós com Antonia, chamou o marido, dizendo:

- Antonia está sob o efeito de muito estresse. Sugiro que arrume uma empregada para auxiliar nos serviços domésticos e a leve para passeios ao ar livre.

Ermanildo, pensando em distrair sua amada esposa, logo que saiu do consultório médico, levou-a ao cinema. Rosilda atendeu ao chamado do casal e ficou o dia todo com as crianças.

Saindo do consultório, sussurrou nos ouvidos de sua esposa:

- Querida, vamos aproveitar que estamos no centro da cidade e assistir um filme para relaxar?

Depois de tantos afazeres domésticos, aquela ideia animou Antonia:



- Eu quero sim! Você compra a pipoca?

Antoniela não perguntou qual filme iriam assistir, porque sair da rotina já parecia uma coisa muito boa.

Entraram no cinema que estava quase lotado, até que se acomodaram no meio do salão.

Era um filme de ação com tiros de metralhadoras e tanques em disparos constantes. Pessoas gritando e chorando e muitos corpos espalhados pelo chão.

Antoniela pôs-se de pé e com as mãos sobre a cabeça, gritava:

- Homem! Eu não aguento mais. Preciso sair daqui senão a minha cabeça vai explodir. Por favor! Vamos embora agora.
- Tudo bem mulher! Mas, espera só mais um pouquinho. Quero muito ver o que vai acontecer no fim do filme, sente-se, nós já vamos.

Ermanildo não percebeu a gravidade do problema porque estava muito ansioso para assistir aquele filme de guerra.

Então, Antoniela apelou:

- Ahhhhhhhhhh! Eu quero ir embora agora!

As pessoas que estavam assistindo olhavam para Ermanildo com expressões coerentes à situação.

Muito chateado, Ermanildo pegou a mulher pelo braço:

- Tudo bem! Fique calma. Vamos agora.



Ermanildo ficou muito assustado com aquele episódio e começou a sair mais com a família, levando todos para curtir as praias e alguns pontos turísticos da cidade.

Frequentavam os clubes de carnaval infantil que o exército patrocinava para as famílias dos militares. As crianças ficavam animadas cantando as marchas antes e depois do Baile dentro do jipe que Ermanildo tinha adquirido para fazer esses passeios com a família.

Mas, o orçamento de Ermanildo não acompanhava o custo de vida da cidade. Era impossível manter aquele padrão com passeios que saíam cada vez mais caros.

Foi então que um colega de quartel convenceu que Ermanildo levasse a família para a igreja, onde as crianças desenvolveriam atividades criativas com outras pelo menos nas manhãs de Domingo.

Antoniela descobriu na igreja um talento inédito que mudaria o seu humor. Ela cantava muito bem, era naturalmente afinada.

O maestro ficou surpreso e encantado com a voz daquela jovem mãe e a convidou logo para compor o coral da igreja, posicionando-a no lugar de vozes em destaque.

Até aquele momento, Antoniela não se sentia tão bem há muitos anos. Pena que isso tenha durado tão pouco tempo.

Ermanildo também, naquela curta fase de equilíbrio familiar, gostou muito das atividades religiosas, participando dos cursos de teologia que a igreja oferecia aos membros.

As crianças participavam dos eventos teatrais de fim de ano. Foram momentos de progresso e muita satisfação familiar.

Angeli, terceira filha do casal, conquistava mais as mães das meninas que faziam parte de seu grupo de atividades infantis. Elas ficavam muito intrigadas de ver uma pequena criatura tão amadurecida que falava de afazeres domésticos com tanto domínio.

Aquelas esposas dos ministros da igreja eram muito generosas. Quando viram Angeli ficaram tomadas do desejo em proporcionar momentos mais infantis para ela, porque percebiam um grau maior de carência afetiva quando comparada com as outras crianças.



Até que a mãe de uma coleguinha de Angeli pediu para Antoniaela:

- Deixa-me levar Angeli para almoçar em casa e ficar a tarde com minha filha?

Antoniaela nem perguntava se a filha queria e já respondia:

- Pode ir Angeli, vai brincar com sua amiga que à noite você volta para casa.

Quando nenhuma mãe aparecia para levar Angeli, era Antoniaela que tomava a iniciativa:

- Porque você não fica esse fim de semana com sua amiga. Pode ir. Mais tarde você volta para casa.

Angeli não gostava tanto de ficar na casa de estranhos, porque era muito tímida. Não compreendia porque isso só acontecia com ela e não com os seus irmãos.



NA CAPITAL DA ESPERANÇA

A vida na cidade maravilhosa ficava cada vez mais difícil para Ermanildo manter “as rédeas da casa”.

Então, ele não resistiu ao convite de um superior militar para seguir sua carreira, trabalhando na nova estação receptora de comunicação que o exército instalou em Brasília, a Capital da Esperança.

Ali ele viveria numa casa bem maior e ainda uma ajuda de custo razoável. Afinal ele precisava sustentar uma família que agora contava sete crianças.

Antoniela que estava com receio da mudança tão radical. Ela ia ficar bem longe de sua mãe e seus irmãos agora. E tinha feito muitas amizades boas com as irmãs da igreja.

Um dia um Major foi visitar a família, a pedido de Ermanildo, para convencer a família de que a mudança iria ser melhor para todos. Olhando para Antoniela e suas crianças dirigiam as palavras com os mesmos cuidados de um vendedor tentando valorizar ainda mais o produto:

- Olha! Vocês vão gostar muito de Brasília. Parece que todos os lugares têm um aparelho de ar condicionado no ambiente. O clima é sempre muito bom e fresco. Lá não faz nem frio e nem calor. A casa é bem maior do que essa e nova. Vocês serão os primeiros moradores.

Mas, um dia antes de partirem para Brasília, aconteceu uma situação, no mínimo, muito estranha.

Depois de uma discussão violenta entre o casal, Ermanildo pegou Angeli pelo braço e a levou para ficar com uma nova amiga da igreja.

Angeli estava muito confusa e corajosamente perguntou ao pai:

- Pai! Hoje não é domingo, porque eu tenho que ir passar o dia em casa de outras pessoas?



Angeli não entendeu o porquê daquela saída repentina, e ficou ainda mais confusa ao perceber que passou mais tempo pegando ônibus e trem com o pai para ir e voltar para sua casa. Porque tão de repente, ele interrompeu a brincadeira das crianças, puxando Angeli pelo braço.

Conheceu rapidamente Teruze, sua mais nova amiga. Gostou muito de brincar e conversar com ela. Mas a amizade durou pouco mais que três horas.

A família então seguiu completa à Brasília, pois não estava nos planos do casal levar Angeli.

As compras de alimentos foram a primeira dor de Ermanildo na capital central do Brasil. Ele por muito tempo dependia da boa vontade dos vizinhos que tinham carros.

Ou, então, usava uma Kombi do exército que ficava à disposição dos soldados para resolverem as pendências particulares no centro da cidade. E também para o transporte escolar de todas as crianças moradoras daquela pequena vila militar.

Enquanto no Plano Piloto, centro da capital, os políticos mantinham intacto o projeto original de urbanização, ao redor, grileiros promoviam invasões, usando comunidades inteiras que se instalavam de maneira desorganizada, construindo barracos durante as madrugadas.

Assim surgiram as cidades de Taguatinga e Ceilândia que eram as mais próximas da receptora do exército.

O dia amanhecia cheio dessas invasões e o governo federal não conseguiu impedir que oportunistas imobiliários conquistassem os espaços, negligenciando todos os planos de urbanização.

A primeira vila militar instalada junto com a receptora, ficava em uma região deserta e distante quase 20 km de Taguatinga. Apenas cinco famílias moravam naquelas casas de alvenaria, cedidas pelo exército. Além do quartel onde serviam alguns soldados que faziam a segurança.

Em pouco tempo, aquelas famílias foram surpreendidas no meio da noite, durante dias seguidos, com barulhos cada dia mais próximos de suas casas. Eram ruídos de marretas e tábuas dentro daquele que antes era um grande e escuro mar de cerrado sem fim, cortado com pequenos atalhos de terra.



Amanhecia o dia e os moradores da pequena vila militar avistavam muitos barracos espalhados no meio do cerrado. Eram famílias repletas de crianças morando de forma precária, sem instalações de água e esgoto, tampouco iluminação elétrica.

Algumas mulheres que vinham daquelas invasões furavam o esquema de segurança da vila para pedir água ou alguma outra ajuda.

Juntamente com os milhares de barracos, construíam templos em madeira para estabelecimento de novas igrejas. Logo conseguiram o apoio do Governo Federal. Assim as cidades satélites de Brasília surgiram. Hoje são as conhecidas Regiões Administrativas do Distrito Federal.

Quando das invasões surgiam as novas cidades satélites cada vez mais próximas da estação, Ermanildo recebeu a visita de um pastor que o convidou para levar sua família para uma igreja que acabava de ser inaugurada em meio a toda aquela bagunça imobiliária:

- Suas filhas estão ficando moças e você tem que criá-las em um ambiente seguro, porque não vai demorar a aparecer bandidos querendo roubá-las para uma vida de pecado. E o fim do mundo está próximo.

Ermanildo, preocupado com o tão propalado fim do mundo, assimilou as doutrinas insanas e primitivas daquelas novas igrejas. Os pastores sedimentavam suas crenças, adaptando as escrituras sagradas aos próprios interesses machistas, obrigando as mulheres a uma vida de encarceramento.

Era uma facção formada por homens que usavam o medo para dominar e controlar as mulheres, crianças e adolescentes.

As mulheres não podiam participar de nenhum evento esportivo; não era permitido usar qualquer roupa que revelasse suas formas.



Os modelos de roupas para elas, perdia para as famosas burcas do oriente médio porque elas ainda podiam mostrar a face, mas nada de batom, base ou lápis para contorno dos olhos; os cabelos não podiam sequer serem aparados e nem presos.

Os homens foram conduzidos a um fetiche mágico. Assim acabavam por trair seus mais íntimos e nobres sentimentos. Mergulharam de cabeça em um rio de beatice, fanatismo, superstição e intolerância. A crueldade bárbara foi o pano de fundo durante uma fase de dor que durou toda a adolescência e início da juventude dos filhos de Ermanildo, por ter seengajado naquele exército de bestas.



A BELEZA DA MISCIGENAÇÃO

A família que se formou da união de Ermanildo e Antonietta produziu uma variedade física que atrairia a atenção de algum antropólogo curioso.

A harmonia e a beleza física eram comuns a todos os filhos. O casal produziu os mais lindos e variados tipos humanos para todos os gostos.

Todos eram belos em harmonia estética e possuidores de características inéditas quando comparados entre si. Era a reação da natureza criativa diante da miscigenação das raças.

O primogênito era Aquiles que tinha a pele parda, cabelos ondulados e olhos verdes. Uma criança que começou a andar com dois anos e pronunciar as primeiras palavras aos quatro anos. O parto foi tão difícil que precisou de fórceps para ajudá-lo a nascer.

Suzane, a segunda, tinha incríveis cachos dourados e olhos grandes "furta cor" (ora azuis ora verdes). Era uma criança muito amada pelas tias que gostavam de levá-la para passear em todos os cantos da cidade.

- Antonietta! Acabo de batizar sua filha na igreja da esquina. Eu sou a madrinha dela.
- Como assim? O pai dela está fora e eu, que sou a mãe, nem participei desse batismo.

Na nossa igreja, basta apresentar para o pastor que ele batiza na hora.

Suzane deixaria saudades para suas tias. Mal havia completado um ano de idade e seguiria com os pais para o Rio de Janeiro.

Angeli, a terceira, nasceu na cidade do Rio de Janeiro com pequeninos olhos castanhos claros e sem um só fio de cabelo até que cresceram também em castanhos bem lisos.

- Esse bebê não é meu! Tá havendo algum engano! Ela é muito escura para ser minha.



Essa foi uma das reações de Antonietta quando a enfermeira mostrava Angeli, ao trazer do berçário depois de alguns cuidados. A menina estava irreconhecível por que havia sofrido um quase afogamento durante o trabalho de parto que a deixou com a pele roxa e o corpinho tão inchado que mal podiam ver o seu sexo.

Depois veio Melissa em pequenos olhos azuis e cabelos castanhos quase negros, bem lisos. Era uma morena com traços que mesclavam as características indígenas, africanas e europeias. Foi a primeira filha de Ermanildo que tinha a sua cor de olhos.

Antonietta ficou muito feliz quando viu que o seu quarto filho era um robusto e belo menino de pele morena e cabelos pretos. Os olhos de Fabrício eram verdes e penetrantes.

Depois ela teve outro menino. O cabelo dele parecia muito com a plantação de algodão que ela percorria durante a infância na sua cidade de nascença (Natal no Rio Grande do Norte). Os olhos quase amarelos de castanhos muito claros era só um detalhe que destacava na pele corada de Leandro.

Estelita, a quinta filha, era um neném robusto de cabelos claros e grandes olhos azuis. Ela aproveitou bem os privilégios de filha caçula por sete anos até a família sair do Rio de Janeiro e partir para Brasília, onde o casal teve mais três filhos.

Em Brasília nasceu Claudemiro, um moreno de negros cabelos ondulados e olhos castanhos; Silvana de pele branca com negros cabelos cacheados e olhos verdes; e, finalmente, o caçula Périplo, um menino loiro de cabelos lisos, olhos azuis e pele de cor parda.

Ermanildo ficou muito encantado com seus filhos e assumiu a postura de um insano patriarca que levaria todos ao caminho da salvação para a vida eterna.

Ele dizia que sustentaria todos e não aceitava a interferência dos vizinhos e nem de qualquer outro parente que não fosse membro daquela família.

Rejeitava qualquer ajuda e dizia com orgulho que nem a mulher e nenhuma das filhas precisariam sustentar a casa, porque isso era papel para os homens.

Temia perder o comando da casa e sempre em seus discursos familiares dizia à mulher e aos filhos:

- Nunca vou perder as rédeas desta casa!



OS REFÉNS DO MESMO SEGREDO

Angeli, a terceira filha de Antonielli, ainda não existia quando o tio Gerúsio, irmão de Ermanildo, chegou de mala em punho na casa do casal com um pedido de Brites em uma carta que trazia em mãos.

A mãe de Ermanildo tivera sete filhos do primeiro marido e ficou viúva quando ainda era muito jovem. Não aguentou ficar sozinha e logo casou com outro viúvo que também tinha filhos. E, ainda, gerou mais um casal do novo casamento. Pedia para que ele cuidasse pelo menos daquele seu irmão.

Ermanildo não negaria qualquer pedido de sua mãe e cuidou do jovem irmão como um pai, dando muitos conselhos e exemplos, permitindo que convivesse com sua nova família.

Gerúsio era um belo rapaz que brincava muito com Antonielli dentro de casa. As crianças ficavam animadas e felizes com a presença tão espontânea daquele ser adulto, mas muito infantil.

Angeli era muito pequena, mas sempre se lembrava do tio que deixou uma xícara personalizada para ela.

Antonieli sempre que passava por ele desmanchava o cabelo penteado com gel. Ele ficava irritado e corria pela casa para dar algum troco.

As crianças da casa davam gargalhadas quando viam aqueles jovens correndo e gritando pela casa. Provoações que sempre acabavam em generosos risos e muita alegria.

Enquanto Gerúsio e Antonielli se divertiam em casa com as duas crianças, Ermanildo fazia seus cursos de carreira em outras cidades. Confiava em deixar Antonielli com o irmão mais novo porque o tratava como um filho.

Ermanildo era cabo do exército e queria seguir a carreira militar. Para isso precisava fazer outros cursos e prestar concursos internos.

Gerúsio morou com o casal por quatro anos. Até que se envolveu com uma morena, cinco anos mais velha, e foi morar com ela.

Quando Ermanildo ainda fazia um curso de sargento em outra cidade, Antonielli começa a sentir os sintomas de gravidez. Angeli crescia em seu ventre.



Foi uma gestação envolvida em mistérios que causavam angústia e desespero em Antonielli.

Ela manteve segredo enquanto podia e dizia em pensamento:

- Meu Deus! Não é possível. Isso não pode estar acontecendo. E agora!

Ermanildo retornou do curso, feliz que conseguira mais uma promoção e quando chegou a casa, Antonielli com apenas um mês de gestação, ficou quieta e não contou ao marido. Ele não percebeu nada.

Quando já estava com dois meses, disse ao Ermanildo que começava a sentir os primeiros sintomas.

Mas o estranho comportamento de Antonielli trazia uma repetitiva indagação de Ermanildo:

- O que tens mulher? O que causa tanta preocupação? Nossa situação agora melhorou. Consegui a promoção e tudo vai ser diferente agora.

Ermanildo começava a ficar muito preocupado com o comportamento de sua esposa. Logo percebeu que havia algo mais perturbador do que a questão de estrutura familiar para a chegada de mais um bebê. Afinal a família ainda não era tão grande.

Ele viu que quando fazia as contas para preparar tudo e receber o novo membro da família, ela respondia sempre muito nervosa e sem qualquer segurança.

Isso não aconteceu quando os dois primeiros vieram. Ela sempre dizia com exatidão o mês de nascimento de cada um.

Preocupado com a sua jovem esposa, Ermanildo pediu que sua sogra ficasse com ela quando estivesse próximo de dar a luz.

Rosilda demonstrava sempre muita gratidão por Ermanildo que amava muito sua filha caçula e a tratava dignamente. Sempre que ele solicitava alguma coisa, ela agia com solicitude e generosidade.



Antoniela aproveitou os momentos a sós com Rosilda e, finalmente, desabafou:

- Mãe! Não posso ter essa criança. Não estou certa de que ela é mesmo de Ermanildo.

Rosilda ficou muito espantada com aquela revelação e muito aborrecida também:

Como pode fazer isso Antoniela? Onde você estava com a cabeça? Você casou com o homem mais maravilhoso do mundo e, agora, de parir vem com essa bomba.

A avó de Angeli ficou muito aflita. Talvez se tivesse chegado no início, daria algum remédio caseiro para que a gravidez não chegasse a termo. Então Angeli não existiria mais.

- Agora, não tem jeito. Não comente com ninguém sobre sua dúvida. Para todos os efeitos o filho é de Ermanildo e não se fala mais nisso.

Nada deixava Antoniela tranquila. Durante todo o período daquela gestação em especial, ela dedicava mais nas faxinas pesadas; fazia pessoalmente as compras de mercado, carregando sacolas pesadas; e levantava móveis pesados para fazer faxina.

Queria muito mesmo que alguma coisa acontecesse para mudar aquela situação tão embaraçosa.

Angeli passava por sua primeira provação, seguida de muitas outras. Envolvida por uma misteriosa concepção, convivendo com uma mãe angustiada e cheia de culpas.

Durante o tempo que Angeli cresceu e conviveu com a família, Antoniela temia as consequências que ela criança podia trazer para o matrimônio sagrado.

Quando começou a sentir as contrações, ficou calada e não deu alarme até que sua mãe percebeu e desesperada entrou em contato com Ermanildo.



Roseli viu que não podia, mas, esperar e seguiu com Antonieta de táxi para o hospital.

Quando todos já aguardavam o bebê na enfermaria, Angeli estava nos braços da enfermeira que se aproximou de Antonieta.

Com os olhos arregalados, olhando para a pequena, Antonieta rejeitou a criança dizendo:

- Está havendo algum engano! Onde está o meu bebê? Não pode ser esse. Olha essa pele escura.

Ao som suave de uma voz delicada da senhora que trazia Angeli no colo, embrulhada em finos lençóis, porque a temperatura no Rio ultrapassava quarenta graus, viria à explicação:

- Querida, não se aflija. O seu bebê passou do tempo e quase morreu afogada dentro de você. É uma menina, está roxa e inchada. Olha as unhas dos dedos. Essa cor rosada é a prova que se trata de uma criança branca. Logo ficará mais alva do que a neve.

Antonieta mal queria ver o bebê e forçou um sorriso para aqueles que assistiam a triste cena de uma mãe rejeitando a sua própria filha.

Diante de circunstâncias tão reveladoras e logo que soube que não se tratava de nascimento prematuro, Ermanildo não tinha mais dúvidas, mas guardou o segredo para si e nada comentou sobre o assunto com ninguém.

Ele ficou o tempo todo calado, mas observando atento o comportamento de Gerúsio e Antonieta dentro de casa. Eles perceberam o clima e não deram nenhuma pista. Ermanildo preferiu abafar aquela ideia.

Angeli logo adquiriu uma tez bem clara.



Sua avó, uma bela senhora, alta de cabelos loiros e olhos verdes, resolveu ficar mais tempo com a pequenina Angeli e a alimentava com um forte mingau de arroz. Ela foi a pessoa mais carinhosa que a menina conheceu e sentia muita alegria quando ela estava perto.

Quando Angeli estava com quatro meses de idade, Antonieta brincava de arremessá-la até ouvir as gargalhadas do bebê sempre depois da sensação de medo.

Até que deixou a criança cair desajeitada, causando lesão no músculo do pescoço de Angeli que inflava, paralisando seus movimentos.

Logo, Rosilda apareceu e interferiu, cuidando da pequenina até que se recuperasse. Desde então ficava atenta para que Antonieta não se aproximasse mais daquela criança até que ela conseguisse se defender de suas loucuras.



CRIANÇA INVISÍVEL E AMIGO IMAGINÁRIO

Angeli começou a frequentar o jardim de infância aos seis anos. Era tão branca que se destacava entre os outros alunos.

As amigas da sala de Suzane do primeiro ano gritavam:

- Olha lá no Jardim! A irmãzinha de Suzane parece com a Branca de Neve!

Angeli não gostava dos apelidos que falavam da brancura anormal de sua pele porque convivia com uma maioria mestiça de pele morena e achava que estava sendo excluída do grupo.

Suzane ao perceber o quanto isso a irritava, provocou:

- Tá bom! Não vamos chamá-la de “Branca de Neve”. Que tal “branquela azeda”.

A menina raciocinava muito rápida e logo respondia:

- Tudo bem, desde que você não fique zangada com o apelido que vou criar para você “cabelo de macarrão”.

Suzane ficou com medo e nunca mais cogitou qualquer apelido para sua irmã Angeli.

A menina, durante a convivência com a grande e colorida família, fazia tudo para ser vista e reconhecida como parte dela, pois havia alguma coisa misteriosa que escapava do normal.

Antoniela sempre dava um jeito de isolar Angeli das brincadeiras com os outros irmãos.

Ermanildo sequer olhava ou dirigia a palavra para aquela menina que a cada nascimento novo parecia mais invisível dentro de casa.

Essa situação, de sempre ser excluída das conversas familiares e até das brincadeiras mais divertidas dos irmãos, fizeram com Angeli desenvolvesse hábitos estranhos para uma criança.

Ela aprendeu a brincar sozinha até inventar um amigo imaginário.



Ficava horas pendurada em móveis altos; rodopiava em estruturas retangulares de ferro no pequeno quintal; pulava corda em espaços pequenos dentro de casa ou no jardim; passava palha de aço em cada taco de madeira do piso sem a mãe mandar; e gostava de aprender todos os afazeres domésticos.

Muitas vezes era vista em conversas com dedo em riste para algum fantasma que saía de sua imaginação.

Enquanto lavava a louça em cima de um banquinho, conversava com um ser invisível, dando broncas e mandando ficar quieto. Ermanildo sempre que flagrava esses momentos, ficava ali imitando e arrancando gargalhadas de Antonieta e os irmãos que assistiam tudo em silêncio.

Angeli um dia viu o seu pai fazendo isso, levou um susto, mas não ficou aborrecida, fez coro com as risadas de todos. Qualquer coisa que chamasse a atenção deles era motivo de alegria para ela.



ARREPENDIMENTO OU MUDANÇA DE PLANOS?

Gerúcio, quando saiu de casa para morar com uma mulher, deixou Antonieira e as crianças tristes e saudosas.

Antonieira disparava suas ideias a respeito do envolvimento do cunhado sem qualquer cuidado durante as refeições na mesa com Ermanildo e as crianças:

- Gerúcio foi enfeitado por aquela mulata. Onde já se viu? Um jovem branco e bonito amasiar com uma macumbeira e, ainda, mais velha que ele. Tenho certeza que ela o enfeitou.

Angeli ouvia aquilo e ficava muito confusa porque sua mãe não tinha a pele tão clara e não achava que seu pai e o tio eram tão brancos. Os dois tinha a pele avermelhada e não branca. Pelos menos aos olhos daquela criança.

De vez em quando Ermanildo reclamava:

- Para com isso mulher. Até quando temos que ouvir seus disparates.

Dois dias antes de mudarem para Brasília, Angeli ouviu uma discussão que beirava à via de fato entre Antonieira e Ermanildo. Parecia que sua mãe estava chorando e seu pai a agredindo.

Angeli aproximou-se da porta entreaberta e ouviu:

- Eu não aguento mais olhar para a Angeli. Ela é fofoqueira. Fala demais e sempre me coloca em uma situação constrangedora. Ela é muito arrogante.

Acho que vou acabar fazendo uma besteira com ela.

Ermanildo saiu de perto e percebeu uma criança correndo para o quarto ao lado. Aproximou-se da cama de Angeli que não parava de tremer:

- Você ouviu alguma coisa Angeli!
- Não, pai, eu não ouvi nada.



Angeli aos nove anos tremia, não só de medo mas também perturbada com o que acabava de ouvir de sua própria mãe.

Ermanildo voltou para o debate com Antonietta, mas fechou a porta e os dois conversavam baixinho.

No dia seguinte, sábado bem cedo, Ermanildo pegou Angeli pela mão, sem dizer nada.

A menina não ousava fazer perguntas, mas podia imaginar o que estava acontecendo depois de ouvir as reclamações de Antonietta.

Ela sentiu que algo de muito ruim estava para acontecer e agarrou firme nas pernas de Ermanildo como se temesse que ele a qualquer momento a abandonaria em algum lugar deserto ou deixaria que um estranho a carregasse.

Quando alguém se aproximava no caminho para cumprimentar ou conversar era motivo para a pobre criança entrar em pânico e esconder-se atrás de Ermanildo.

- O que foi Angeli? Você parece um bicho do mato! Tenta se comportar, não tem nenhum animal que vai te morder aqui.

Angeli tremia como uma vara verde e não conseguia obedecer a ordem do pai. Ela sentia que algo de terrível estava para acontecer, mas não sabia exatamente o quê.

Até que chegaram a um apartamento de luxo em uma zona rica da cidade. A menina agora estava deslumbrada com tanto luxo. Nunca tinha visto um elevador antes.

Subiram e entraram no apartamento em que vivia um casal e uma menina que se chamava Teruze. Ela e Angeli tinham nove anos de idade. A sua pele era toda pintada e os cabelos alaranjados e muito bem ajeitados em lindos cachos.

Foi um encontro incrível. As duas meninas trocava empatias e foram brincar no quarto. Nunca Angeli havia estabelecido uma comunicação tão normal com outra criança de sua idade.

- Deixa-me cuidar de você Angeli? Olha só as suas unhas. Posso cortar?



- Claro Teruze! Esqueci-me de ver isso com minha mãe. Obrigada.

Quando Angeli levantou os olhos para olhar com mais cuidado o pai de Teruze, lembrou que viu ele na sua casa tocando muito bem uma gaita e ela curiosa pediu:

- Queria aprender a tocar isso também.
- Quando seu pai levar você para minha casa eu ensino.

Os pais de Teruze tinham apenas uma filha e queriam adotar outra para fazer companhia a ela. Eles não conseguiam mais ter filhos, devido às consequências de uma caxumba que o pai dela pegou na fase adulta e provocou sua esterilidade.

Eles observavam admirados ao perceber a conexão daquelas crianças. Nunca testemunharam tanta simpatia e doçura entre duas pequenas criaturas. Pareciam gêmeas que conviviam há muito tempo.

Ermanildo apreciava a cena com um semblante misterioso, tentando revelar um forçado sorriso. Olhava para Angeli como se nunca tivesse visto aquela menina antes.

Os adultos ficaram pelo menos uma hora conversando em um cômodo fechado, enquanto as meninas brincavam em outro.

De repente, Ermanildo estava ali, junto com o casal, observando as duas meninas, que se divertiam muito juntas. Agora Angeli não era mais uma criança invisível.

Ermanildo observava Angeli como se nunca a tivesse visto e ficava espantado com os elogios que ouvia de todos os presentes:

- Angeli é muito meiga mamãe. Bem que ela podia morar aqui comigo.
- Eu gostei muito de Angeli. Ela é muito inteligente. Acho que seria ótimo se ela ficasse.
- Olha papai, Angeli sabe toda a tabuada, e não errou nenhuma palavra do ditado que passei para ela.



Ermanildo chamou o casal para o canto e numa atitude inesperada, deixando-os assustados, pegou Angeli pelo braço e disse:

- Vamos filha! Já é tarde, sua mãe já está preocupada.

No caminho de volta, Ermanildo fazia perguntas a Angeli e ficava espantado com a capacidade daquela pequena criatura em dar respostas tão precisas e inteligentes. Começava a entender porque os adultos da igreja falavam tanto da capacidade que ela tinha para aprender tão rápido.

Agora, os dois pareciam cúmplices e estavam mais próximos. Um admirava o outro e conversavam como dois indivíduos que acabavam de se conhecer, encontrando sintonias de pensamentos e reações.

Quando os dois chegaram à noite em casa, a irmã Suzane correu para a porta aos berros e muito preocupada:

- Pai! Tio Gerúsio chegou aqui com cheiro forte de bebida, muito esquisito e barbudo. Ele ficou na janela, falando coisas sem sentido, dizendo que queria levar sua filha e que não viveria longe dela. Não entendi porque ele chamava a Angeli.

Ermanildo entrou depressa e levou Antonieira para um cômodo fechado. Os dois saíram calados e nada mais foi esclarecido, mesmo com todas as insistências da parte mais interessada, Angeli.



SENSAÇÃO DE PERDA E DOR

Ainda muito pequena, Angeli, não entendia porque o tio Gerúsio tinha dado somente para ela uma xícara de porcelana personalizada.

À medida que o tempo passava, a menina ficava mais apegada àquele objeto e tinha ciúmes quando alguém usava.

- Mãe! Gosto muito dessa xícara que o tio me deu. Ela tem até o meu nome gravado. Porque ele deu esse presente só para mim e não para os outros. Onde ele está agora?

Antoniela sempre respondia de forma seca e ríspida.

- Seu tio está vivendo com a macumbeira agora. Não quer saber mais de você.

Aos oito anos de idade, chegando em casa da escola, Angeli procurou a xícara para tomar o seu costumeiro café com leite. Mas a peça não estava mais no cantinho de sempre.

A criança ficou muito agitada, procurando em todos os cantos e perguntando aos seus irmãos. Eles respeitavam Angeli porque sabiam que ela ficaria muito brava por causa daquela relíquia.

Mas ninguém tinha pegado sua xícara e ela percebeu que eles não estavam mentindo.

Até que respirou fundo e criou coragem para perguntar a Antoniela:

- Mãe! A senhora viu a xícara que o tio Gerúsio me deu?

Antoniela respondeu de forma violenta e aos gritos:

- Quebrou! Acabou! Já era! Joguei os cacos no lixo e vê se para de perturbar todos por causa daquela porcaria.



Angeli correu para o quarto e as lágrimas eram muitas. Ainda pode ver a expressão irônica de Suzane.

Chorava muito, mas, em silêncio na cabeceira da cama, porque tinha medo da reação de sua mãe.

Aquela mulher quando dominada pela ira ficava irreconhecível e violenta. Um choro vindo de Angeli, certamente, provocaria uma avalanche de ações inconsequentes contra a menina.

Angeli percebia logo nos olhos de sua mãe quando alguma bomba estava para explodir e a reação era tão recorrente que ela já tinha a previsão certa do que podia acontecer em seguida.



TERRORISMO FUNDAMENTALISTA

Seis adolescentes viveram a pior fase doutrinária familiar experimentada na casa de Ermanildo e Antonieta. Foi uma verdadeira loucura.

Ermanildo entrou para um grupo de fundamentalistas religiosos que usavam, de forma inescrupulosa, o medo para dominar mulheres e adolescentes. Proibiam participação em festas de qualquer tipo, mesmo aquelas inocentes festas familiares, pois não aceitavam que ouvissem músicas do mundo.

Os membros da igreja não podiam ir a clubes, nem cinemas ou bailes. As meninas não podiam cortar o cabelo ou pintar as unhas, tampouco fazer qualquer tipo de depilação no corpo.

Tinham que ouvir as músicas produzidas dentro da igreja e com muita reverência e cuidado com os gestos. Algumas aceitavam que batessem palmas enquanto cantavam; outras proibiam qualquer tipo de reação que denotasse prazer.

As mulheres não podiam, em hipótese alguma, usar qualquer roupa ou adereço que estivesse na moda, sob pena de passar horas em um canto da igreja, de joelhos, com a bíblia sobre a cabeça e gritos de pastores, expulsando os demônios.

Ermanildo era ciumento e inseguro com a mulher e as filhas. Ficou muito preocupado com a possibilidade de perder alguma mulher que lhe pertencia para qualquer aventureiro e encontrou na religião fundamentalista, a filosofia perfeita para manter todos sob o seu domínio e controle. Ele controlaria todas as emoções e pensamentos dos membros de sua família.

Antonieta logo se adaptou aos trabalhos religiosos porque gostava das músicas líricas e sempre aproveitava a oportunidade para revelar o seu maior talento. Ela cantava naturalmente os hinos. Chamavam-na para cantar e todos ficavam impressionados com sua afinação tão natural. Mas não concordava com as orações em formas históricas que presenciava nos cultos.



Ermanildo mergulhou em mares que o conduziram a forma mais primitiva de um ser humano. A insanidade era tanta que criou um sistema familiar para não permitir que as mulheres da casa namorassem, com nenhum homem.

Dizia que:

- Os homens dessa casa vão trabalhar fora para sustentar as mulheres.

Angeli foi vítima do assédio louco de Ermanildo que se aproveitou da vulnerabilidade e da lealdade de uma adolescente que confiava na proteção do próprio pai.

Ela, a princípio, permitia a aproximação íntima do pai, acreditando que ele queria apenas ensinar como se proteger dos homens do mundo. Mas, depois, ela cedeu às chantagens psicológicas e muitas as ameaças.

Ermanildo usava desculpas e pretextos infantis para abusar de Angeli.

Ele tinha um ciúme doentio que afetava até mesmo os próprios filhos adolescentes que não podiam tentar qualquer tipo de aproximação com a irmã.

Angeli logo amadureceu e rejeitou toda e qualquer doutrina religiosa que determinasse usos e costumes. Cumpriu a promessa que sairia de casa logo que completasse seus vinte e um anos de idade e não dependeria mais de homem nenhum durante toda a sua vida.

Mas não se jogou no mundo de qualquer maneira porque tinha medo de cair em outras armadilhas. Percebeu então que não podia confiar em ninguém e passou a pesquisar outros livros que falassem sobre aquelas doutrinas.



Quanto mais adquiria conhecimentos, Angeli ficava mais indócil e arredia com Ermanildo, mas nunca caiu na tentação de montar um confronto direto porque conhecia bem o poder que ele tinha dentro de casa. Muitos filhos ainda dependiam dele.

Antoniela também não estava mais em condições de fazer outra escolha, embora não aceitava muitas atitudes de seu louco marido.

E, também, percebia que ele estava com algum problema tão mal resolvido em seu íntimo que não conseguia sair daquele estado de insanidade mental que o tornava cada vez mais primitivo.



SONHOS PROFÉTICOS OU MENTE DEDUTIVA?

Sempre que Angeli contava algum sonho e acontecia de forma quase idêntica. Os membros da igreja diziam que era um dom profético que a menina tinha.

Com o tempo, ela descobriu que tinha uma capacidade inconsciente de deduzir algumas circunstâncias, conforme observava os fatos presentes. Essas deduções lógicas, as vezes, revelavam-se em sonhos. Ermanildo conversava a respeito e chegou a mesma conclusão.

Aos doze anos quando a família ainda estava mergulhada em primitivas doutrinas religiosas, ela descreveu um sonho em uma reunião familiar que todos ficariam perturbados:

- Pai! Posso contar o meu sonho hoje?

Ermanildo sorria ironicamente e cedeu o espaço para Angeli.

- Gente! Todos quietos agora que Angeli teve um sonho. Vamos ouvir. Afinal essa menina quase não fala nada, quem sabe vem nos surpreender.

Assim, ela conseguiu a atenção concentrada de todos. Olhou para Suzane, sua irmã de treze anos, e disse:

- Foi uma sequência bem grande de sonhos e a primeira que apareceu foi a Suzane. Ela estava com as mãos cheias de notas grandes. Mas era muitas notas mesmo.

Suzane gostou da história e arregalou os olhos sorridentes.

- Opa! Começou bem maninha.

Angeli estava muito compenetrada tentando puxar os detalhes em sua memória.



- Mas papai batia em suas mãos com força para que o dinheiro voasse pelos ventos e perguntava:
 - De onde veio esse monte de dinheiro, Suzane, você não tem vergonha?
 - Calma, pai! Foi o meu marido que me deu. Ele não é maravilhoso!
 - Você casou por interesse menina? Não foi isso que aprendeu comigo.

Suzane agora estava confusa.

- Que sonho mais besta! Até parece que papai ia brigar por causa disso.

Logo Ermanildo interveio:

- Quieta Suzane! Deixa Angeli prosseguir. E então? O que aconteceu depois.
- Em seguida sonhei que o Pastor da nossa igreja tinha morrido e todos os irmãos estavam chorando em um cemitério. Mas logo papai assumia o lugar dele a pedido de todos.

Ermanildo olhava para todos os presentes com os olhos arregalados. Estava muito admirado com aquela história que tinha uma evolução tão lógica, cheia de detalhes de circunstâncias que pareciam tão reais.

Ele pedia para Angeli repetir esse sonho a todos os membros da igreja.

O tal pastor, de fato morreu quase dez anos depois deste sonho e Ermanildo, no mesmo período, assumia os trabalhos de outra igreja. Nesses tempos Angeli já não morava com os pais.



Suzane, na mesma época, casou com um empresário bem sucedido e sempre que visitava a família gostava de esnoabar sua prosperidade. Ermanildo não aprovava a postura de sua filha e sempre brigava com ela durante essas raras visitas.

Mas quando tudo isso aconteceu, ninguém mais se lembrava daquele sonho de Angeli.

Em sua fase adulta, sempre que algum sonho latejava seus pensamentos ela contava para as pessoas próximas.

Certo dia, trabalhando na gerência de uma loja de roupas muito famosa em Brasília, sonhou com as colegas durante a noite e, no dia seguinte, contou para elas:

- Nossa que sonho estranho. Amélia, dona da loja, veio aqui e começou a discutir feio com aquela nova empregada que ela mesma contratou na semana passada, a ponto de demiti-la.

Ao voltar do almoço, as colegas estavam totalmente paralisadas e ansiosas pela aproximação de Angeli, até que uma delas falou:

- O que foi isso Angeli!

Angeli ficou preocupada, pensando mil coisas que podia ter acontecido para todas ficarem olhando tão assustadas para ela. Algumas sequer conseguiam abrir a boca para falar algo.

Até que Angeli iniciou a conversa:

- Aconteceu alguma coisa grave aqui? Algum assalto? Tá tudo bem.

Uma das meninas criou coragem e disse:

- Como você não sabe? Tudo que você disse do seu sonho, cada detalhe. Como foi que você sonhou com essas coisas que ainda não tinham acontecido?

Para Angeli aquilo não era novidade, pois, não seria nem a primeira e nem a última vez que seus sonhos previam algo real.



As pessoas tinham as mais diversas reações diante disso. Algumas ficavam muito temerosas e evitavam comentar o assunto.

Uma das vendedoras da loja perguntava todos os dias se Angeli teve algum sonho com ela para dizer em qual lugar do país ela teria melhores chances na carreira de modelo.

Até que Angeli inventou um sonho para livrar-se dela:

- Sonhei que você vai ser muito feliz em São Paulo.



AMOR VERDADEIRO EM EVOLUÇÃO

Ermanildo aos quarenta anos já se sentia tão velho e acabado que reunia a família para falar sobre testamento, pois, ficou assustado com o diagnóstico médico de hipertensão arterial. Dizia para os filhos que era uma doença que daria poucos dias de vida mais os médicos não tinham coragem de dizer isso a ele.

Angeli era sempre convidada para essas reuniões que deixavam todos apavorados porque Ermanildo que pousava a mão no lado esquerdo do peito, dizendo que sentia dores terríveis no coração e logo não estaria mais entre os vivos.

Assim ele conseguiu uma aproximação de Angeli que se preocupava com a situação dos pequeninos irmãos que ainda dependiam muito dele. Mas não era só isso.

Angeli amava Ermanildo, com a mesma intensidade que amava sua mãe e seus irmãos. Por isso, enterrou ao passado com todo o segredo que mancharia o amor que fazia bem a todos.

Ele chamava Angeli em um cantinho isolado e dizia olhando nos seus olhos:

- Olha filha! Você é a mais equilibrada e mais inteligente. Quero que saiba que confio muito em ti. Quando que eu for morar no Paraíso, você pega aquela pasta preta que fica na última gaveta da escrivaninha e leva para o advogado que deixei o nome dentro dela. Está tudo bem explicado ali. Pega a pasta e entrega ao advogado.

Com o tempo percebeu que tudo não passava de carência afetiva. Ele fazia aquilo para manter todos os filhos por perto. Nunca tinha feito nenhum testamento e não havia nenhum advogado esperando o pior acontecer.



Isso serviu para que Angeli esquecesse todas as trapalhadas de Ermanildo e alimentasse um sentimento de compaixão, perdoadando-o e plantando nobres sentimentos para eliminar aqueles que prejudicaram o seu desenvolvimento psicológico e emocional na fase adolescente.

Angeli trabalhou muitos anos no comércio e ficava até altas horas da noite, vendendo muito e ganhando comissões que lhe rendiam boas poupanças em sua conta bancária.

Mas, sempre que alguém da família dizia que Ermanildo estava passando dificuldades, corria para entregar tudo em suas mãos. Isso enquanto estava solteira e não tinha ninguém para sustentar.

Ermanildo logo que saía do sufoco financeiro, devolvia o dinheiro para Angeli. Assim, o relacionamento de pai e filha evoluía em harmonia, equilíbrio e generosidade de sentimentos.

Mais tarde, quando Angeli tinha bocas para sustentar e passou por situações financeiras difíceis, podia pedir socorro que Ermanildo atendia, pegando até empréstimos em banco.

Angeli pagava tudo fielmente e sempre que podia doava mais um pouco. Na verdade, os dois estavam sempre quites um com o outro.

Angeli esquecia todos os conflitos e confusões e passava a alimentar somente as melhores lembranças de convívio familiar.

Uma lembrança que a fazia sorrir muito era as comparações que todos faziam de suas características físicas com as de sua avó Brites.

Ermanildo em reuniões noturnas com todos os filhos, contava sobre a teoria da evolução após a morte que ouvia de sua mãe. Ele amava muito e sempre falava com muita emoção sobre a capacidade dela em superar tantas dificuldades naquela região escassa do nordeste.

Naqueles dias, retratos de entes queridos desenhados em feiras eram pendurados nas paredes da casa.

A imagem de Brites ganhou um espaço na parede do corredor numa casa que a família morou em um setor militar de Brasília.

Certo dia, uma empregada olhou para o retrato de Brites e depois para Angeli, dando seguidas e escandalosas risadas.



Angeli, com quatorze anos, correu para saber o que estava acontecendo e perguntou:

- Porque você está rindo tanto do retrato da vovó Brites?!

Quase sem conseguir falar direito, tentando parar de rir, ela olhou para Angeli e perguntou?

- O que você está fazendo ali naquele retrato? Alguém imaginou você adulta? Jura que aquela não é Você?

Angeli gostou muito da comparação, pois aprendeu a admirar sua avó, a partir dos elogios que ouvia de Ermanildo e também depois de uma temporada que ela passou com aquela família. E o mais interessante que o pintor não tinha colocado a cor azul nos olhos de Brites e, por engano, pintou os olhos em tom castanho.

Mas, Angeli gostava muito também de sua avó Rosilda. Ela e Ermanildo tinham uma relação de genro e sogra harmoniosa em respeito e admiração correspondida. Angeli nunca presenciou qualquer briga entre eles.

Por causa dessa conexão do bem, a simples presença de Rosilda na casa dos seus netos era ansiosamente aguardada e marcava momentos de alegria no coração de todos.

Rosilda tinha um jeito de olhar diferente para Angeli. Era sempre muito gentil bem diferente de Antonielli, sua mãe.

Angeli, durante sua infância, não compreendeu porque no olhar daquela figura tão amável havia lágrimas sempre que se aproximava dela.

Um dia, Roseli enviou uma carta para sua filha Antonielli anunciando a morte de Zivaldo.

Antoniela, depois que fugiu da casa do pai, não se aproximou mais dele e não ouvia falar sobre ele há muitos anos.

Angeli percebeu Antonielli lendo a carta enquanto as lágrimas escorriam abundantes em sua face.



Ele morreu em decorrência da cirrose hepática, porque estava bebendo muito e vivia deprimido.

Na carta, Rosilda dizia que ele pedia perdão a todos e antes de morrer revelara todo o arrependimento de suas más atitudes, principalmente com Rosilda e seus filhos.

Angeli que passava pela pior fase de sua adolescência. Aproximou-se gentilmente de sua mãe, tentando enxugar suas intensas lágrimas. As duas abraçavam-se com muita ternura, revelando uma mãe bem diferente daquela mulher de atitudes duras e desconexas que conhecia até aquele momento.

Aquela cena revelou uma meiguice até então imperceptível para Angeli. As duas choravam juntas como grandes e íntimas amigas. Desde então, nova faísca de amor acendeu na alma de Angeli e a aproximação das duas embarcou rumo à compreensão e muita ajuda mútua.

As histórias que Angeli ouvia, contadas por sua mãe e avó, causavam-lhe sentimentos de misericórdia. Por isso que ela sempre perdoava as loucuras e as injustiças que sofria quando sua mãe agia de forma tão inconsequente com ela.

Essa convivência tão insana e anormal de mãe para filha, fez de Angeli uma aprendiz da vida que sempre pensava em alguma estratégia psicológica para não provocar qualquer sentimento explosivo. Assim criou uma habilidade diferenciada para lidar com tipos diversos de pessoas no meio social complexo e muitas vezes confuso.



RUMO AO PARAÍSO

Agora, com mais de cem anos, Angeli depois que derrubou todos os altares insanos de seu mundo particular; depois de uma carreira de vida muito saudável e equilibrada; aguardava a sua hora e sonhava seus últimos sonhos em seu leito.

Ela foi uma pessoa única, exclusiva, que surgiu neste mundo com missões difíceis quando levamos em conta o ambiente desenhado em incongruências culturais e aberrações sociais.

Incongruências no sentido de que, durante sua conturbada infância, confusa adolescência e venturosa juventude, as pessoas agiam de maneira totalmente oposta ao que propunham em palavras. Ou seja, a hipocrisia era a regra e a verdade, a exceção.

Aberrações sociais porque, sob à ótica de uma personalidade pura, as pessoas quando vivem socialmente apenas para satisfazer as aparências criam vínculos e relações pessoais desastrosas.

Angeli nasceu dentro de uma família de cultura machista e preconceituosa. Um pai que ensinava aos filhos a desconfiarem da própria sombra. Uma mãe enlouquecida pelos tabus e realidades que detonavam sua humanidade a ponto de transformá-la em um ser sem conexão alguma com o mundo em que vivia.

A vida de uma sobrevivente que até atingir o equilíbrio na fase adulta usava mais o extinto do que a razão com os seres, principalmente os de sua convivência familiar.

Em seu leito, as lembranças vinham cada vez que um rosto familiar surgia em sua mente.

O rosto de Ermanildo revelava um ser bem humorado que conversava com os filhos a respeito dos benefícios das verduras, na mesa, durante um almoço, quando todos eram bem pequenos:

- Angeli, você bem pequena ficava pendurada no armário por longo tempo. Você é muito forte. Eu e Antonielli fizemos até algumas apostas e ficávamos parados esperando para ver quanto tempo você conseguia ficar pendurada em lugares altos.



Animada com a atenção que acabava de conquistar, ela logo dava a sua contribuição:

- Eu gosto de comer verdura, pai, e tudo que coloca no meu prato. Por isso sou forte e inteligente.

Essa foi uma rara lembrança que guardou em sua memória. Foi uma boa oportunidade para sair da invisibilidade.

Lembrou que ainda muito pequena gostava de aprender coisas novas e nunca conseguia acompanhar as brincadeiras de faz de conta com bonecas ou panelinhas de brinquedo das irmãs e coleguinhas de jardim. Ela queria a atenção dos adultos e procurava aprender o que eles faziam.

Ela viu os rostos de Ermanildo e Antonieira com olhares de surpresa e admiração.

Aprendeu a bordar quando ainda era muito pequena, a cozinhar, costurar na máquina de sua mãe; perguntava tudo sobre eletricidade e eletrônicos para seu pai que muitas vezes ficava irritado, mas, acabava cedendo a tanta insistência.

Em seguida viu o rosto de Rosilda cujo movimento dava a ideia de aplausos.

Rosilda sua avó olhava com admiração e achava aquela criança muito esperta e inteligente. Gostava de dar atenção para a menina prodígio e não poupava elogios.

A lembrança mais marcante foi do momento em que ficou em uma rede sozinha, enquanto a família passeava no nordeste.

Aos quatro anos, Angeli estava deitada em uma rede com febre alta que já duravam dois dias.

Era tempo de férias e a família foi passar uma temporada em João Pessoa e Campina Grande.

Angeli acostumou com a mania que os pais tinham de deixá-la fora dos passeios mais interessantes.

Os dois mais velhos sempre os acompanhavam. Antonieira arranjava sempre algum pretexto para não legar Angeli.

O primeiro pretexto foi a tal febre. Outros pretextos era que Angeli tinha mais competência para cuidar das crianças mais novas.



Aquela misteriosa febre cedeu depois que Antonie-la retornou dos passeios com os outros irmãos, trazendo uma bacia cheia de jabuticaba e ao colocar a bacia em cima da criança ainda sonolenta, disse:

- Trouxe um presente para você. Coma essas jabuticabas e fique boa dessa febre logo que já vamos voltar para casa.

No momento em que aquela criança que passou o dia todo sozinha na rede recebeu aquele presente com a ordem de ficar boa, antes mesmo de engolir a primeira jabuticaba, levantava da rede sorridente e sem qualquer sinal de febre.

Agora surgia um rosto de admiração, Era Antonie-la.

Quando já tinha filhos e um dos momentos de amizade com sua mãe, Angeli trouxe à baila essa lembrança que assustou Antonie-la:

- Mãe! Lembra quando a senhora me deu uma bacia de jabuticaba e logo minha febre foi embora?
- Você lembra coisas quando você era tão pequenina. Nem eu mesmo lembro mais de nada daqueles tempos.

Antonie-la sempre ficava surpresa com algumas habilidades de Angeli desde pequena. Constatava sempre durante suas conversas que ela tinha um senso de observação e uma memória fora do normal quando comparava com os outros filhos.

O rosto de Suzane surgiu, revelando suas costumeiras feições teatrais.



Angeli muitas vezes ficava de fora dos convites para almoços ou jantares fora de casa. Para ela restava atividades de segurança às crianças menores enquanto os mais velhos curtiam bons momentos com os pais.

Suzane sempre chegava dos passeios falando sobre coisas que nem tinham acontecido só para ver a cara de decepção de Angeli. Antonieira não falava palavras de carinho e não se dava ao trabalho de dar um incentivo moral. Nem mesmo ouvia um “feliz aniversário”.

Nada disso seria incômodo para ela, caso a postura fosse igual para todos.

Eis que um rosto surgiu, era de Aquiles, seu irmão mais velho.

Angeli sentia inveja até das surras que Ermanildo dava em Aquiles. Pelo menos ele estava sendo visto.

Mas o rosto de uma criança também flutuava em seus pensamentos. Era um rosto banhado em lágrimas. Dessas que ações injustas provocam e marcam profundamente a infância.

Quando Suzane completou sete anos, os adultos da família, incluindo a irmã de Antonieira e sua cunhada, resolveram organizar uma festa.

Angeli, que completaria seis anos na semana seguinte, ajudava a enrolar as balinhas e os doces; soprar os balões; e fez uma proposta para sua mãe:

- Mãe, o meu aniversário também está muito perto. Na próxima semana eu completo seis anos?
- Tudo bem Angeli, hoje vamos comemorar o seu e o da sua irmã.

Angeli ficou muito feliz, anunciando para todos que ajudavam na organização que, finalmente, teria uma festa de aniversário também.

Logo que Suzane percebeu isso, começou a dar chilikues e gritar com todos.



- Nada disso! Hoje é o meu aniversário, Meu aniversário! Nada de comemoração de dois aniversários.

Antoniela pegou Suzane carinhosamente pelo braço e levou-a ao quarto para combinar um segredo. Depois disso, ela ficou calma e nada mais comentou durante todos os preparativos.

Os convidados chegavam e sempre que Angeli corria para receber algum presente ouvia a mesma frase:

- O presente é para Suzane.

Uma das primas ao perceber que Angeli estava quase abrindo o presente que ela havia trazido, arrancou de sua mão com violência, dizendo que era para Suzane e não para ela.

Naquele dia, Angeli começou a se sentir culpada porque ninguém gostava dela. Todos a olhavam como se fosse uma estranha no ninho. Uma criança idiota querendo roubar os presentes da própria irmã.

Nada do que fazia funcionava para mudar tão triste circunstância. Nem mesmo as notas altas na escola ou a dedicação com sua mãe nas atividades domésticas e no interesse com os bordados e as costuras dariam o que ela tanto desejava.

- Angeli! Porque você disse para as professoras que sempre me ajudou em casa?! Passei a maior vergonha na reunião dos pais hoje. Elas ficaram escandalizadas porque você disse que faz os serviços domésticos desde os quatro anos.
- Mas eu não disse isso mãe. Apenas ensinei às tias como fazer para forrar uma mesa antes de passar a roupa bem na hora que elas discutiam sobre isso. Então elas perguntaram que outras coisas eu sabia fazer em casa.



Angeli era muito observadora e gostava de fazer algumas atividades domésticas para chamar a atenção dos adultos. Ela pedia sempre para sua mãe ensinar tudo desde muito pequena.

Antoniela era uma mulher ativa, gostava de bordar e costurar e fazia tudo com muito gosto. Angeli aprendeu a admirá-la e queria fazer tudo que ela sabia. Foi um jeito de conseguir aproximação com sua mãe.

Infelizmente, sua mãe engravidava todos os anos e ficava cada vez mais fraca e desanimada. Não dava conta de tantos afazeres.

Os finais de ano escolares eram os momentos mais violentos da família, porque as notas de boletins dos outros eram terríveis para Ermanildo. O mais velho reprovava muito e tirava péssimas notas. Isso era motivo para um mal humor que acabava sempre em agressão física. Ermanildo batia muito no filho e reclamava de sua incapacidade para os estudos.

O primeiro boletim de Angeli, no primeiro ano de escola, estava todo preenchido com a nota "O" e Ermanildo pego-a pelo braço, dizendo bem alto:

- O que é isso?! Você tirou zero em tudo?

Angeli tremia apavorada e dizia:

- Desculpe, mas eu sempre faço tudo que a tia pede e ela nunca reclamou de nada. Não sei o que aconteceu.

Logo vinham as costumeiras gargalhadas de Antoniela:

- Deixa de ser burra menina! O seu pai está brincando, não é zero mas "O" de ótimo.



Enquanto voltava da reunião na escola, Ermanildo disse à Antonielli:

- A tia de Angeli disse que ela é muito ativa.

Angeli viu uma reação negativa no rosto de sua mãe e perguntou o que significava a palavra ativa. Então ela respondeu dando risadas:

- Significa que você é burra e idiota.

A criança ficou tão apavorada que procurava uma escuridão dentro do carro para fugir mas Ermanildo acudiu e disse:

- Não Angeli, sua mãe está brincando. Significa que você participa de tudo e é muito esperta.

No início do ano letivo, a Diretora chamou Ermanildo para dar uma sugestão:

- Angeli é uma aluna especial e não precisa passar pelo segundo ano. Ela tem potencial e pode pular direto para o terceiro ano sem qualquer prejuízo.

Ermanildo olhou para Antonielli que balançava a cabeça em negação e respondeu de imediato:

- De jeito nenhum! Ela vai fazer tudo regularmente. Vai passar por todos os anos iguais aos alunos normais.

A Diretora chamou Angeli para saber sobre o interesse dela em ir direto para o terceiro ano. Mas a menina acatou a decisão do pai sem reclamar, pois, não queria deixá-lo ainda mais zangado.



Os adultos que conviviam com Angeli, percebiam a sua situação de refém. Viram uma atitude de pátrio poder tirano de Ermanildo. Olhavam para a menina com muita compaixão, porque imaginavam um triste destino para ela.

A Diretora olhou nos olhos de Angeli e não se conteve, manteve-a envolvida em seus braços, mas não disse uma só palavra.

Angeli passou todo o segundo ano com notas máximas e sempre era condecorada a melhor da classe. Sempre que a tia precisava sair de sala, nomeava-a como suplente para cuidar dos alunos e responder as dúvidas dos deveres, porque ela fazia tudo muito rápido e acabava primeiro do que os demais.

No terceiro ano já começava a despertar sentimentos de concorrência. Até que duas meninas armaram-lhe uma cilada:

- Angeli, a tia está chamando você lá fora.

A professora que tinha falado para ninguém sair da sala porque senão iria para o castigo atrás da porta, pegou Angeli pelo braço com força e disse:

- O que está acontecendo com você menina. Nunca foi disso.

Angeli chorava em silêncio e em abundantes lágrimas que lavavam o rosto. Isso chamou a atenção da professora que chamou ela para um canto e perguntou:

- Conte-me o que aconteceu Angeli. Você nunca foi desobediente. Porque saiu da sala quando eu disse que não podia.

Angeli estava tão sensibilizada que não conseguia responder por que não entendia a atitude daquelas meninas que ficavam rindo da situação. Até que um amigo dela se aproximou e disse:



- Professora, aquelas meninas que ficam no fundão da sala que mentiram para Angeli, dizendo que a senhora estava chamando ela.

A tia abraçou Angeli e pediu desculpas, mas ela não conseguia parar de chorar, porque não entendia a crueldade daquelas meninas.

Até os doze anos de idade, Angeli nada sabia sobre sua sexualidade e nem imaginava como seus pais geravam filhos.

No caminho de terra que ligava o ginásio até a sua casa foi cercada por um colega da mesma sala de aula, três anos mais velho:

- Espera aí Angeli que faço companhia a você até em casa.

Angeli, agora adolescente, era dócil e espontânea e conversava assuntos diversos com o seu amigo. Achou que ele estava concordando muito com tudo e para ver se ele reagia, perguntou:

- Porque você não briga com as pessoas da sala que deram esse apelido de “careca”?

Ele com a fisionomia risonha de quem aprontaria uma arte com a coleguinha, abriu a braguilha da calça e disse:

- É por isso que me chamam de “careca”.

A menina ficou pálida e mandou que ele parasse logo com aquela brincadeira de mau gosto. E ele rindo dela começou a falar:

- Não acredito que você nunca fez isso. Suas amigas todas já saíram comigo. Você não pode ser assim tão boba.

Angeli brigou com o “careca” e seguiu para sua casa correndo e muito confusa.



Logo que chegou a casa, contou para a sua mãe. Angeli estava estado de choque, mas a feição de Antonielli era irônica e risonha.

Antoniela chamou Ermanildo para o quarto, logo que chegou do trabalho e contou o que havia acontecido com Angeli. Ela não conseguia conversar sobre essas coisas com suas filhas e sempre encarregava o marido para resolver essas questões.

Ermanildo chamou Angeli e furioso pediu:

- Você vai me apontar o engraçadinho que vou dar uma lição nele.

O menino era filho caçula de um major que morava na mesma vila.

Ermanildo acompanhado com os seus filhos recebeu a visita do major e os dois filhos mais velhos que careca, enquanto Antonielli levava as meninas para um passeio.

Quando Angeli chegou com sua mãe e irmãs, os homens estavam cumprimentando uns aos outros em despedida.

O irmão mais velho, Aquiles, falou para Angeli:

- Não precisa mais ficar com medo do careca porque os irmãos dele deram-lhe uma surra boa e ele vai estudar no período noturno agora.

Mas, não foi bem isso que trataram na reunião, Ermanildo recebeu conselhos de seu Superior para informar mais as suas filhas sobre sexo, porque alguém tinha que esclarecer isso a elas.

Foi a partir daí que começaram os incômodos assédios. Ele surpreendeu Angeli com discursos inéditos a respeito do sexo, dizendo que o desejo sexual não era algo medonho que se tinha que ter medo ou vergonha. Aquela nova tese ia totalmente de encontro com as pregações da irmandade fundamentalista que colocava o sexo fora do casamento como pecado mais devassador para o ser humano.

Ele fez uma abordagem mais realista e não desenhava o ato sexual como algo pecaminoso e que alguém pudesse se envergonhar. Dizia que as pessoas deviam tomar cuidado com a consequência que a atividade sexual poderia trazer, como por exemplo, uma gravidez indesejada.



Certo dia, quando Ermanildo foi buscar Angeli no ginásio ele a levou para um lugar deserto, dizendo que iria ter uma conversa mais detalhada e tirar todas as dúvidas sobre a relação sexual, mas que ela não podia comentar sobre isso com Antonieta e seus irmãos porque eles não entenderiam o real objetivo dele.

Angeli confiava em seu pai e jamais poderia imaginar que aquele mito um dia aproveitaria de sua inocência.

Ermanildo não ousou ofender a virgindade da menina, mas violou sua intimidade sem qualquer pudor. Esses assédios duraram toda a adolescência de Angeli.

Até que um dia ela encarou aquele tirano, olhando no fundo de seus olhos e disse muito revoltada:

- Você é meu pai! Enlouqueceu! Um pai não faz esse tipo de coisa com uma filha!

Ermanildo agarrando com força a adolescente que se debatia apavorada para fugir, rindo loucamente e dizendo:

- Eu não sou seu pai Angeli!

Chocada com tamanha loucura a menina insistiu:

- Como assim, isso é impossível. Você é meu pai. Acorda! Você é meu pai e eu sou sua filha.

Com os olhos em lágrimas ele dizia, tentando beijá-la na boca:

- Não! Angeli. Eu sou o seu tio e estou loucamente apaixonado por você.



Angeli não deixou continuar e saiu correndo, desesperada, chorando.

Agora tudo começava a fazer sentido para ela. O comportamento de Antonieta que sempre revelava certo ódio e desprezo a ponto de ficar insatisfeita com as conquistas na escola e na vida daquela insuportável menina. Que repetia sempre para todos que achava aquela menina arrogante e metida a besta.

Antonieta chegou ao cúmulo de trancar Angeli no quarto durante um dia inteiro para não deixar que fosse à escola porque era a única filha que estava bem nos estudos, enquanto os demais eram problemáticos e repetentes.

Após aquela fuga, quando já estava decidida a deixar aquela família para trás, sentiu fome e uma dor terrível no peito.

Lembrou-se dos irmãos menores que necessitavam tanto dela e que ela os amava tanto.

Naquele momento estava diante de uma escolha entre o amor e o ódio. Olhava em volta e via pessoas sozinhas vagando, pedindo esmolas na rua. As adolescentes entrando nos carros de homens poderosos.

Decidiu então retornar para aquela casa para atuar agora como um membro que viveria de favor dali para frente, trabalharia e viveria naquela casa até que conseguisse um bom emprego.

Sempre que precisava de dinheiro, batia nas casas vizinhas, oferecendo seus serviços de cozinheira e faxineira doméstica.

Até que uma vizinha a contratou para dar aulas de reforços a seu pequeno filho e gostou tanto do resultado que aumentava o valor mensal para mantê-la naquela função até que o filho aprendesse a estudar sozinho.

Angeli amava muito aquela família e as más lembranças não conseguiram apagar esse amor.

Por isso retornou para casa, porque não achava justo ter que abandonar crianças inocentes que já tinham um apego muito grande com ela.

Também não quis enfrentar aquele mundo de estranhos, cujos elementos fariam muito mais crueldade com ela. Era um Ajustador do Pensamento falando em sua consciência.



Suzane e Antonieta logo que viram que Angeli tinha voltado, começaram a provocá-la com ironia:

- Como assim, pensei que ia ganhar o mundo? Parece que o estômago falou mais alto né? Seu pai disse que você tinha ido embora e nunca mais voltaria. O que aconteceu? Ficou com medo do bicho papão?

Angeli percebeu que as duas estavam com ciúmes porque Ermanildo manifestou muita felicidade ao vê-la, prometendo que não iria mais influenciar em suas escolhas particulares e que ela poderia contar com o apoio dele dali em diante.

Desde então, ela passou a ser vista de um modo diferente por todos da família. Cada dia ganhava mais confiança porque agia sempre com muita honestidade.

Passou a respeitar mais as crenças de cada um, mesmo sabendo que eram insanas e improdutivas.

Somente depois que saiu de casa e quando não havia mais nenhuma relação de dependência financeira ou emocional com a família, passou a estudar mais sobre todas as religiões do mundo e começou uma busca crescente a uma fé que crescia em sua alma.

Ela não podia ignorar que havia sim uma força maior regendo um universo tão inteligente. A teoria da evolução espiritual era algo fascinante que, para ela, fazia todo o sentido.

A independência passou a ser a meta de Angeli e ela faria qualquer coisa para atingir esse objetivo. Sofria perseguições por todos os lados. Suas responsabilidades dentro de casa sempre maiores em comparação aos demais. Fazia tudo sem reclamar. Tirava de seu prato para entregar aos irmãos quando a família passava por dificuldades financeiras.

Antonieta ao perceber o esforço de Angeli passou a trabalhar junto com ela em seu objetivo. Começou a ter um comportamento de mãe protetora, ajudando a sua filha a escapar das investidas de Ermanildo.



Angeli foi uma companheira fiel e leal de Antoniaela

Mas, na primeira oportunidade, quando os irmãos já estavam crescidos e não precisavam tanto de sua ajuda, Angeli tomou o seu rumo para sua independência, trabalhando, vivendo sozinha e criando sua própria família.

Angeli, mesmo carregando aquela terrível sensação de que não fazia parte daquela confusa família, nunca deixou de participar de todos os problemas e ajudar nas emergências de doenças de todos os parentes.

Ela Comparecia a todas as festas familiares e, nos momentos de desespero e tristeza, estava ali sempre presente.

Rostos de outras pessoas surgiam, revelando que Angeli travou batalhas contra si mesmo e conseguiu superar a própria arrogância.

Angeli, depois de sonhar todos os sonhos, e as lembranças dos momentos e movimentos da vida, olhava a sua volta e via todos aqueles semblantes que mudavam de posição. Enquanto alguns surgiam de maneira repentina e sumiam como fumaça; outros ficavam ali fixos por mais tempo.

Levantou daquela cama que há mais de mês não conseguia sequer mover um músculo. Seus pés flutuavam em um piso de nuvens e quando olhou para baixo viu dois redemoinhos que formavam túneis.

Um deles tinha um fundo azulado com pontos luminosos, revelando incontáveis estrelas em direção a algum universo sem fim. Esse túnel estava ao lado direito, abaixo das nuvens.

O outro, à esquerda, era um túnel escuro sem pontos de luzes, cuja escuridão ficava ainda mais intenso quando ela mirava mais fundo.

- Então Angeli. A partir daqui você vai se deparar com esses dois túneis e responder a mesma indagação a medida que viajar pelo universo das mansões, porque você ainda vai aprender muitas coisas novas e seu livre arbítrio sempre será respeitado.



- O túnel à direita é o rumo ao Paraíso. As personalidades que querem seguir evoluindo em busca de Deus, mergulham nesse caminho.
- O outro túnel escuro, à esquerda, é a opção para aqueles que não querem mais seguir em frente e preferem sumir do universo para nunca mais haver qualquer lembrança de sua existência.

Angeli já havia pensado durante muitos anos de evolução humana sobre essa indagação e não teve receio em manifestar o seu grande desejo com toda a força do pensamento:

- Quero ver a face de Deus!

Havia agora um diálogo com outro por telepatia de pensamentos:

- Deus ainda está muito além e para ver a Sua face há muito caminho para ser descoberto, pois Deus está ali no Centro deste infinito Universo.

Então eu quero seguir e aprender mais sobre o amor divino sua bondade e infinita misericórdia.

- A partir de agora terás um novo nome, mas a sua personalidade está preservada. A sua evolução agora segue novos caminhos até chegar ao Paraíso.



Há na mente de Deus um plano que abraça cada criatura de todos os seus imensos domínios; e esse plano é um propósito eterno de oportunidades sem fronteiras, de progresso ilimitado e vida eterna. E os tesouros infinitos dessa carreira sem par lá estão, para recompensar a vossa luta." (citação extraída do Livro de Urântia).

